This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

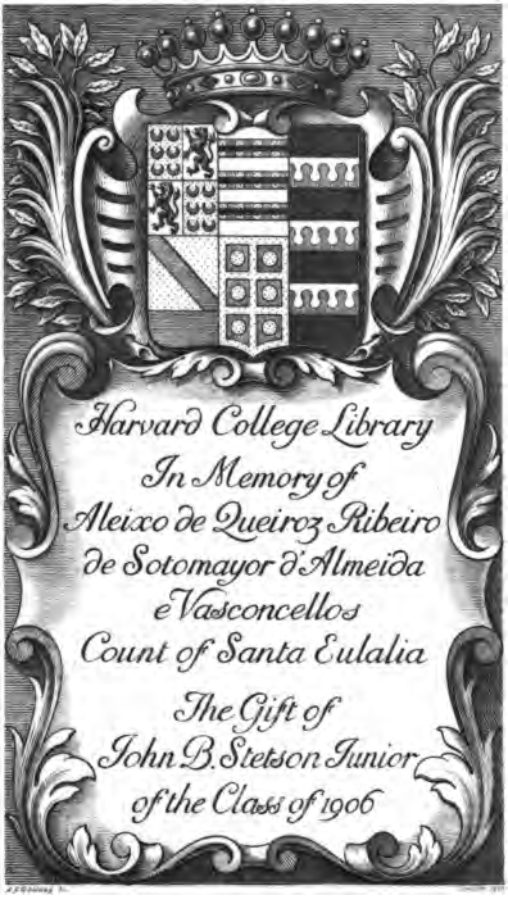
We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

SAL 9109.1.7


Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

FILINTO DE ALMEIDA

LYRICA

RIO DE JANEIRO
TYP. E LITH. MOREIRA MAXIMINO & C.ª RUA DA QUITANDA 111 E 113

1887

BOYVEAU & CHEVILLET
22, rue de la Banque
PARIS (TÉLÉPHONE)
LIVRES ANGLAIS, ALLEMANDS
ITALIENS, ESPAGNOLS, ETC.
Achat de livres étrangers.

FILINTO DE ALMEIDA

LYRICA

RIO DE JANEIRO
Typ. Moreira Maximino & C., Quitanda 111 e 113

1887

SAL9109.1.7

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN R. STETSON, Jr.

OCT 26 1921

Poveri versi miei gettati al vento,
Della mia gioventù memorie liete,
Rime d'ira, di gioia e di lamento,
Poveri rime mie, che diverrete?

Dott. O. GUERRINI. (Stecchetti)
Postvma.

A

J. L.

DEDICATORIA

Os versos que ahi vão
Lançados hoje ao vento,
Fel-os o sentimento,
Disse-os o coração.

Nelles encontrarás
Muito mysterio—occulto,
E muito amor sepulto
Que não comprehenderás.

Harvard Colle
In Memo
Aleixo de Quei
de Sotomayor
e Vascon
Count of Sant
The Gift
John B. Stet
of the Class

Do teu amor em prol
São todos os amores.
Crestaste-os como a flores,
O' meu unico sol!

Aves de amor ideaes,
Em sendo desninhadas,
São como aguas passadas:
Não voltam nunca mais!

Agora, que aos teus pés
Os versos meus deponho,
O' meu ultimo sonho,
Acolhe-os, por quem és!

Este meu seio, nú
De todo o amor de outr'ora,
Minha esplendente aurora,
Sómente o occupas tu.

E por maneira tal
O occupas e enches tanto,
Que não ha nicho ou canto
Onde me caiba o Mal.

Tu és a minha luz,
Luz que a minh'alma envida,
E que atravez da vida
Me guia e me conduz.

As nossas almas já
Se uniram de tal sorte,
Que nem a propria morte
Nol-as desunirá.

E desunil-as, flor,
Ninguem o quer nem ousa :
Tu és a minha esposa,
O meu bemdicto amor.

O que me vale a mim,
Ao meu amor eterno,
E' ter o bem superno
Do teu amor sem fim.

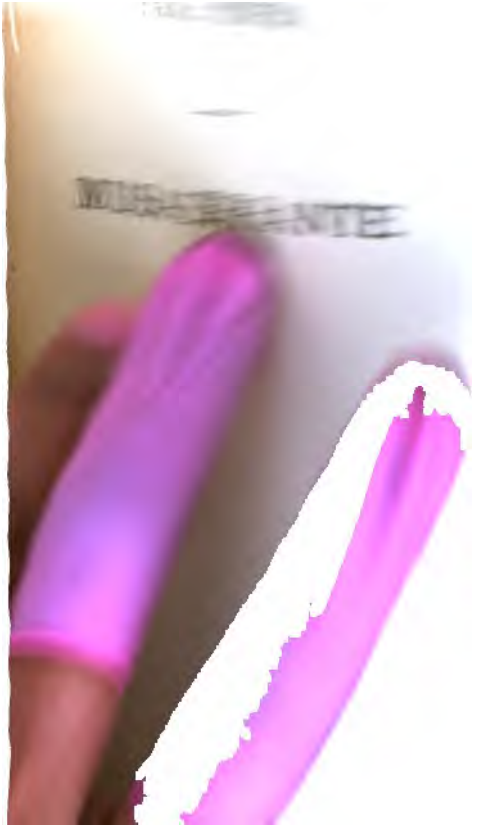
Este meu livro, eu sei
Que elle é baldía terra ;
Mas o melhor que encerra
A ti o consagrei.

Os versos que escrevi
São pobres e singellos,
Mas possas tu querel-os
Como eu te quero a ti!

25 de Outubro de 86.

PARTE PRIMEIRA

MUSA ERRANTE



Teus olhos, nunca enxutos do teu pranto,
Tinham, ás vezes, o funesto brilho
De crua dôr que eu nunca adivinhei.

Que tinhas, pois, tu, que soffreste tanto?
Responde á triste voz do triste filho,
Mãe! terna Mãe, que eu nunca mais verei!

1882.

II

NO CAMPO

A MACHADO DE ASSIS

Q' que aroma balsamico e divino
Transpõe da alcova a gelosia aberta!
Feliz quem, como eu, assim desperta
Neste frescor suave e matutino!

O campo vibra as notas do seu hymno;
Vôa no espaço uma alegria incerta...
Que pantheïsmo! como está coberta
A campina de orvalho diamantino!

O sol sacode a cabelleira loura,
Galgando a longa e escura serrania,
Que de repente se illumina e doura;

Das aves rompe a limpida harmonia,
E a Natureza—a portentosa auctora—
Gratis publíca este poema—o Dia!

Petropolis, 20 de Janeiro de 82.

III

O ULTIMO CAPITULO

D' *O homem que ri*, de V. Hugo.

A ARNALDO VIEIRA

A symphonia lugubre dos ventos
Enche de horror o concavo do espaço.
Visionario prostrado de cansaço,
Mede Gwynplaine os fundos soffrimentos.

Inda lhe tolhe os livres movimentos
Aquelle riso desleal e crasso
Da Camara dos lords. Tardo, o passo
Dirige ao rio—fim dos seus tormentos.

Mas Homo—o lobo humilde e resignado —
Acorda o sonhador allucinado,
E leva-o juncto á cega moribunda.

Mortos Gwynplaine e Déa, o velho acorda:
Sómente o lobo, do navio á borda,
Uiva na sombra intérmina e profunda!

1880.

IV

TRIOLETS

A GEMMA CUNIBERTI

I

Vimos traçar-te um poema
Feito de bravos e flores ;
O' loira criança, ó Gemma,
Vimos traçar-te um poema.
Vem, Alegria suprema,
Crava o pampilho nas dôres !
Vimos traçar-te um poema
Feito de bravos e flores.

II

Das ovações os estoiros
Venham morrer a teus pés!
Opulentem teus thesoiros
Das ovações os estoiros!
Quer coroar-te de loiros
A musa dos *triolets*!
Das ovações os estoiros
Venham morrer a teus pés!

III

Eia! estale a garabulha
Das grandes festas ruidosas!
D'alma crepite a fagulha,
Eia! estale a garabulha!
Vem, burguez palreiro e grulha,
Traz'-lhe um diadema de rosas.
Eia! estale a garabulha
Das grandes festas ruidosas!

IV

Da luz a esplendida orgia
Venha envolvel-a em clarões!
Seja mais clara que o dia
Da luz a esplendida orgia!

Solta os cantores, Poesia,
E vem render-lhe ovações!
Da luz a esplendida orgia
Venha envolvel-a em clarões.

V

O' Rimas, aureas abelhas
De uma sonora colmêa,
Componde as canções vermelhas,
O' Rimas, aureas abelhas.
Rebrilhae, como scentelhas
Da forja rubra da Idéa,
O' Rimas, aureas abelhas
De uma sonora colmêa!

VI

A's suas doiradas tranças
Ennastrem-se alexandrinos.
Vinde oscular, Brisas mansas,
As suas doiradas tranças.
Que os Sonhos e as Esperanças
Soltem as azas dos hymnos!
A's suas doiradas tranças
Ennastrem-se alexandrinos.

VII

Vinde tambem, Phantasias,
E vós, Chimeras doiradas ;
Brancas aves erradias,
Vinde tambem, Phantasias.
Trauteae-lhe as melodias
Das canções immaculadas.
Vinde tambem, Phantasias,
E vós, Chimeras doiradas !

VIII

Ajoelhae-vos, Sonetos,
Batei palmas, *Triolets* ;
Dobrae a juncta aos Tercetos
E ajoelhae-vos, Sonetos !
Beijae, beijae-lhe, Quartetos,
Os seus pequeninos pés !
Ajoelhae-vos, Sonetos,
Batei palmas, *Triolets* !

Outubro de 81.

———x———

V

A MORTE DO AVÔ

A VALENTIM MAGALHÃES

FINOU-SE no começo da ventura
Que lhe sorria no primeiro neto,
O seu Tim-tim, alma celeste e pura.

Ai! que não ha nenhum prazer completo,
E nem ha goso que não seja um dia
De uma amargura súbita repleto!

Quando o afagava, quando lhe sorria
Parece que o seu rosto illuminava
O clarão de uma intima alegria.

Todo o seu busto rígido vergava
Para beijar o filho do seu filho,
Que elle tão fundamente idolatrava.

Via-o da vida pelo immenso trilho,
E nem sonhava que talvez pudesse
A Dôr cravar-lhe o rabido colmilho.

Em toda a parte estava onde estivesse
O seu netinho trefego e ruidoso,
Para saber do que lhe acontecesse.

« E' lindo como um cravo », radioso
Disse-me um dia, como se previsse
Já ser aquelle o derradeiro goso!

E não sei bem que harmonica meiguice
Na sua voz havia nesse instante,
Que pareceu ser musica o que disse!

E a sua fala, grossa e bemsoante,
Toda mellifluamente concertada
Para falar ao loiro e branco infante,

Parecia planger uma ballada,
Um canto estranho, uma aria maviosa,
De uma doçura humida orvalhada.

E nos seus bellos sonhos côr de rosa
Já o via crescido e adolescente
Da vida pela estrada luminosa;

Via-o depois seguir, forte e valente,
A's eternas conquistas da Justiça,
Cheio de fogo, sobranceiramente;

Via o surgir intrépido na liça,
Ateando o pharol da Liberdade
E do Direito a alampada mortiça.

E, então, volvia, cheio de saudade,
O olhar ao tempo em que elle, inda criança,
Dava os vagídos da primeira edade...

. . . . . .

E fugiu e voou tanta esperança!
Despedaçou-se o lumimoso espelho
Que só agora brilha na lembrança!

Tu, que inda tens o olhar fundo e vermelho,
D'esta amizade acolhe-te ao abrigo:
Para chorar a morte do bom velho

Eu tambem tenho lagrymas, amigo.

4 de Abril de 83.

VI

NO LAR

A A. CARDOSO DE MENEZES

Lá fóra o vento asperrimo esvoaça,
E, sacudindo as arvores frondosas,
Como um devastador terrivel, passa
Crebro, bufando as coleras furiosas.

A chuva bate em cheio nas rochosas
Montanhas, onde a hera se entrelaça;
Fórma as torrentes céleres, irosas,
Que entre taliscas vem rolando em massa.

Tudo ás iras celestes se constrange:
Até recúa, fluctuoso, o mar;
A chuva estala, o vento bravo range...

Mas póde elle ranger e ella estalar,
Eu goso, á luz que o seu olhar abrange,
Este aconchego morno do meu lar!

Março de 83.

VII

DECIMAS NOVAS

AO DR. DERMEVAL DA FONSECA

Os profundos e negros amargores
Em que eu mergulho a vida, inexperiente,
Não têm nem luz, nem sol, nem sons, nem flôres...
Unicamente lagrymas e dôres,
Vacuo, sombras e luto, unicamente!
Feliz de quem não soffre, nem os sente!
E' tão amargo o mel d'estes amores,
Que de libal-o fico descontente,
E sinto que me inundam de repente
Os profundos e negros amargores.

Da vida o espinho agudo e pungitivo
Quanto se é mais feliz, mais fundo crava.
Accelera-se o sangue quente e activo...
E nada lava o golpe fundo e vivo,
E essa aberta ferida nada lava!
E' preciso livrarmos a alma escrava
E libertar o coração captivo.
Quando nos vem o amor, que é doce e trava,
Abre-se o golpe, e o golpe mais aggrava
Da vida o espinho agudo e pungitivo.

O amor a toda a Natureza encanta;
E' como o som da musica inspirada.
Tudo que sobre o globo ruge e canta,
Brada e pipila,—seja féra, ou planta,
Ou ave,—pelo amor pipila e brada!
E essa ventura sempre desejada,
Mais, inda mais o coração quebranta.
Gosar! gosar!—parece tudo e é nada!
E emquanto a gente curva-se magoada
O amor a toda a Natureza encanta!

20 de Abril de 83.

VIII

O GRANDE DOTE

AO SR. BETHENCOURT DA SILVA

ESTA, que entrou aqui pobre e sem nada,
Menina ou moça, que ha de ser um dia
A mãe da geração forte e sadia
Que ha de irromper da proxima alvorada ;

Esta, de toda a luz desamparada,
Botão de flôr que em tenebras abria,
Esta, que tem de ser dos homens guia
Da vida na trevosa e longa estrada;

Esta, que vendo o egualitario motte
Da entrada—simples e grandioso poema—,
Aqui veio pauperrima e sem dote,—

Quando encontrar um coração dilecto,
Ja póde ornar o virginal diadema
Das vinte e cinco joias do alphabeto.

Novembro de 84.

———x———

IX

CARIDADE

AO DR. BELISARIO DE SOUZA

Ma uma deusa christan sem liturgia.
Toda cheia de amor e de bondade,
Feita da alma celeste de Maria,
Anjo da guarda á pobre humanidade.

Promanou d'esse peito sacrosancto
Que tombou do Calvario para a Historia,
Todo humildade e amor, doçura e encanto,
Que morreu p'ra viver na eterna gloria.

Não tem patria, nem lar, nem preconceitos:
Tanto attende aos mais vis como aos mais nobres:
Vela e protege abandonados leitos,
E pede aos ricos para dar aos pobres.

Anda pelas prisões, pelos hospicios;
Só sabe perdoar, só tem afagos;
Tem compaixão dos crimes e dos vicios,
E repara as ruinas e os estragos.

Dando esperanças aos desesperados,
Põe da desgraça os Lémures em fuga;
E quando vê chorar os desgraçados
Por elles chora e o pranto lhes enxuga.

E' dos desprotegidos protectora,
E quando alguem padece o extremo anceio,
Ella abre a doce mão consoladora
guarda as tristes lagrymas no seio.

Esta deusa christan sem liturgía,
Toda cheia de amor e de bondade,
Feita da alma celeste de Maria,
E's tu, és tu, ó sancta Caridade!

22 de Fevereiro de 85.

X

DE VIAGEM

A HENRIQUE DE MAGALHÃES

I

NA SUISSA

Nossos cavallos galgam, triumphantes,
As montanhas do Jura alcandoradas,
Entre as taliscas invias, escarpadas,
Onde rechinam ventos soluçantes.

Do lago Joux nas aguas encrespadas,
A que o luar imprime uns tons cambiantes,
Espelham-se as estrellas lucilantes
E as tuas loiras tranças desatadas.

O' minha Lucia! o coração valente
Da Natureza pulsa aqui, fremente,
Na montanha, no lago, no vergel!

Que pittoresca e múrmura paizagem!
Gosemos, pois, as dulcidões da viagem
Na velha patria do Guilherme Tell!...

Rio, 1882.

II

NA RUSSIA

Rino do hynverno. Atroz! Triste paiz, a Russia!
Da nortada cruel a vergastada fina
Zune, açoitando em cheio a face crystallina
Do gelo. E tu, que vaes na capa de pellucia

Envolta e gazalhada, ó minha pobre Lucia,
Deixas sómente a meio a face alabastrina
Apparecer. O azul cerra a immensa cortina
Ao luar; unicamente a intrepidez e a astucia

Conseguem que o *trenó* vença a estrada sombria.
Os tres cavallos são de estranha valentia:
Afflando vôam sobre os caminhos gelados.

Uma fita de prata ao longe ondeia:—E' o Neva.
E, seguindo o *trenó*, brilha na espessa treva
O flammejante olhar dos lobos esfaimados.

Rio, 1882.

III

EM ROMA

LUCIA, eis aqui o panorama austero
Da deslumbrante e tragica cidade!
O lupanar torpissimo de Nero,
Pasmo do mundo, horror da humanidade!

Sob este céo de calma suavidade
Houve milhões de heróes como os de Homero!
Deuses—truões! E a propria Liberdade
Cahio, brandindo um látego severo!

Nasceu aqui o odio, o crime, a inveja,
E o despotismo que deixou memoria
Na tyrannia mystica da Egreja!

Patria do Genio audaz, patria da Gloria!
Se umas vezes se exalta e outras rasteja,
E', no entretanto, a Capital da Historia!

14 de Abril de 82.

XI

VICTOR HUGO

A RODOLPHO PORCIUNCULA

Tinha a homerica tuba e a frauta virgiliana;
Foi o Eschylo audaz da tragedia franceza;
Enfrentou e abateu a infame realeza;
Vibrou todos os tons da lyra soberana!

Trovador e guerreiro, alma doce e spartana,
Era Jesus—perdoando e amparando a fraqueza;
Ou era Juvenal—flagellando a torpeza;
Golfão do pensamento e da palavra humana!

Quando elle erguia a voz, o Universo, tremendo,
Pasmo, fitava-o! Quando a tiorba d'oiro soou
Os Castigos, a França ouvio o estrondo horrendo

De um throno a desabar! A luz e a flor cantou,
Endeusou a mulher; e este velho estupendo
Foi como ninguem foi—um ternissimo avô!

Junho de 85.

———x———

XII

A GRANDE ROSA

Á MORTE DE GONÇALVES CRESPO

A musa d'elle era uma grande rosa
Que no alto mar intérmino boiava,
E as virações marinhas perfumava,
Quer fosse a vaga mansa ou procellosa.

Nas folhas d'ella a multidão graciosa
Das brancas Oceanítides cantava,
Ora a canção da lucta ingente e brava,
Ora a sonata lúbrica e maviosa.

Mas, quando ainda pompeava a Aurora,
Um dia veio a furia ao monstro infando
E desfolhou-se a rubra flor sonora.

Agora ouço as Nereidas lamentando
O caso triste, e vejo ao longe agora
As espalhadas petalas boiando!

XIII

ESTRELLA FUNESTA

Onde pudeste achar tanta belleza?
D'onde tão deslumbrante formosura?
Tu mergulhas na treva da loucura
Os homens de mais solida rudeza!

Não sei que funda e lúbrica doçura
Ha nos teus olhos, magica princeza,
Que parece que toda a Natureza
Treme, se a fitas cheia de ternura.

No teu collo marmoreo, alabastrino,
Tens um calor fatal, que os sonhos cresta
E que atêa um desejo libertino.

Virgem! aguarda a sorte mais funesta:
Tu és, por um capricho do Destino,
Bella de mais para mulher honesta.

1882.

———*———

XIV

A UNS OLHOS

(CAMPOAMOR)

Mais doces devereis ser
Se me tornardes a olhar,
Porque é maldade, a meu ver,
Sendo fontes de prazer
Causar-me tanto pezar.

Não comprehendo—e nisto peno!—
Que minha sorte cruel
Faça que esse olhar sereno
Só p'ra mim seja veneno,
Sendo para todos mel.

Bem cruéis estaes ficando
Não querendo que eu vos queira;
Meu amor não tolerando,
Mataes-me;—e eu, não vos amando
Morro da mesma maneira!

Se amando posso offender-vos,
Vingança podeis tomar;
Porque é força fazer vêr-vos
Que, ou não deixo de querer-vos
Ou me acabaes de matar.

Se por meu amor medida
Fôr a vingança, — que horror!
Sinto a minh'alma rendida:
Pois é mui pouco uma vida
Para vingar tanto amor!

Porque este amor egualdade
A nenhum outro concede;
Tal é sua intensidade
Que penso, ai de mim! que excede
Mesmo a vossa crueldade.

São, por Deus! duros azares
Darem-me os vossos desdens
A cento e cento os pezares,
Podendo dar-me aos milhares,
Sem os pezares, os bens!

E me é dobrado tormento,
E mais importuna dôr
Ver vosso contentamento
De ter, para um só, rigor,
Sendo brandos para um cento.

E' injusto por demais
Que tenhaes, olhos serenos,
A quem, de amor sem signaes,
Vos ama menos – em mais;
E a mim, que amo mais—em menos.

Mas é pezar de mortal,
Vosso languido desdem
Tão doce...tão celestial...
Que sempre reveste o mal
Com as lisonjas do bem.

Oh! se a vossa luz querida,
P'ra allivio da minha sorte,
Me fosse bella homicida!
Quem não trocára sua vida
Por uma tão doce morte!...

Eu, que estou de angustias pleno
Nada julgo mais cruel
Do que esse olhar tão sereno
Ser só para mim veneno,
Sendo para todos mel.

1885.

XV

SONETOS

I

(STECCHETTI)

Ninguem pode dizer quanto eu amei
Esta mulher, á cêra semelhante,
Em quem nunca um sorriso divisei,
Que nunca chora, e se abandona amante!

Quanta vez aos seus olhos implorei
Um só raio de luz de amor brilhante!
Quanta vez a alma, em vão, lhe procurei
Nos beijos que me dava a cada instante!

E quanta vez no seu secreto leito
Este fogo fatal que me devora,
Louco, tentei communicar-lhe ao peito!

E quanta vez amaldiçoei, na hora
Da dôr, em sangue o coração desfeito,
Este espectro de amor, que inda amo agora!

25 de Julho de 86.

II

(STECCHETTI)

Eu não quero saber qual seja agora
O beijo que vos dei na coma ondeada,
E nem se o vosso coração, senhora,
E' coração de sancta ou de damnada.

Que me importa saber se acaso havia
Só mentiras no que me promettestes?
De que serve fazer a anatomia
A'quella hora de amor que vós me destes?

Não me importa que houvesse misturada
Ao vinho que bebi droga traiçoeira.
Vosso vinho era bom—gostei, mais nada.

Não quero, pois, saber quanto sois casta.
Amámos a valer uma hora inteira,
Fomos felizes quasi um dia, e basta.

XVI

VERSOS A' COTINHA

NO DIA DO SEU ANNIVERSARIO

Hoje, como eu não possa
Achar de prompto quem melhor o verso esgrima,
Vou a teus pés fazer cantar — menina e moça —
As sonoras campánulas da Rima.

—

A fulva joalheria
Que esmalta o arqueado azul do eterno firmamento,
A' qual do teu olhar o fulgor que irradia
Empresta luz se a fitas num momento;

E os astros mais pequenos,
As estrellas da terra — as flores graciosas, —
Veste e unico arreio á loira, ionia Venus,
Da violeta ao jasmim, do cravo ás rosas;

A côr das alvoradas,
O vermelho inflammado e intenso, que desmaia
E se esbate em milhões de *nuances* rosadas,
Ensanguentando levemente a praia;

As voadoras chammas,
Brazas de vária côr, o iriado passaredo,
Que dos sons naturaes corre todas as gammas,
Operas mil cantando no arvoredo;

Tudo que fulge e brilha,
Tudo que aos olhos praz e os ouvidos encanta:
Voz d'ave, luz de sol, perfume de baunilha,
Astro, musica, flor, passaro ou planta;

Tudo isso vale menos,
Bem menos do que tu, arrebol de esperança:
Pois tudo tens em ti, ó pequenina Venus,
Deslumbradora e trêfega criança;

—

Como não possa dar-te
Joias do teu valor, ricos mimos diversos,
Valha ao pobre poeta a riqueza da Arte :
Toma uns diamantes brutos — estes versos.

15 de Abril de 86.

XVII

LYRA DA ARCADIA

I

HOSANA!

No album da inspirada poetisa D. Adelina Vieira

.....que direi
Que vá meu canto a teu valor chegando?
BERNARDES. *(Elegia.)*

Porque a porta do templo aberta seja
A' nossa entrada, ó Musa, entremos; venha
A turba das Camenas que deseja

Este ádyto vêr, onde se engenha
E concerta a mais limpida harmonia
Que pelos bosques já soado tenha.

Eil-a! a sacerdotisa da Poesia!
Margaritas esmalta de fulgores,
E lhes empresta doce melodia.

Cale por hoje a Musa dos amores
Do seu eterno canto a voz serena,
Que faz soffrer os peitos soffredores:

Não menos dina d'esta ruda avena
Seja a rainha da Poesia agora,
E Clytemnestra valha agora Helena.

Corre aos myrtaes, ó Musa, e pede a Flora
Que os thesoiros te dê, com que enthesoira
Os vergeis que illumina a rubra Aurora.

Clytia te affeite a cabelleira loira,
Baucis o collo nitido te enrame,
Emquanto Phebo o teu semblante doira.

O côro das Napêas urda e trame,
Aos sons de agreste cálamo, a cantiga
Que mais ardor nos corações derrame;

A ronda de Amadryades que siga
Os caminhos virentes do Parnaso,
O Pindo suba, e a festa cante e diga;

Os Euros tragam, para ouvir o caso,
Os aromas das flores do Levante,
Indaque d'ellas fique o Oriente raso;

O plaustro grego arranque ao mais distante
Confim do Olympo a Deusa caprichosa,
Egualmente que terna deslumbrante:

Essa, que dá frescor e cheiro á rosa,
Côr ao candido lirio, e á flor campestre
A singeleza casta e graciosa;

Essa, por quem, no Lacio, o antigo Mestre
Tirou á doce frauta as mais divinas
Das canções que lhe deu Musa campestre;

Essa, por quem nas tôscas çanfoninas
Tambem chorado tenho, celebrando
O amor, a manha, as graças peregrinas;

Essa, emfim, que, os sentidos aguçando,
Deslumbra os olhos e commove os peitos,
Emquanto o filho, as frechas ajustando

No arco e ferindo os corações sujeitos,
Ri-se, e alando-se vae por esses ares,
Todos deixando em lagrymas desfeitos ;

Essa, o prodigio dos ceruleos mares,
Consorcio do marfim co'a branca espuma,
E do nácar com o fructo dos palmares ;

Essa, que as illusões, uma por uma,
Tece e destece, encanta e desencanta :
Venus !... das deusas a mais deusa, em summa.

Traga a côrte das Naiades, que espanta
Toda a população do salso argento,
Por belleza tamanha e graça tanta !

Venus, guiando o prestito-portento,
Venha entoar a antíphona sagrada
Com os cardumes de Nymphas cento e cento.

Que a Deusa ha tantos seculos cantada,
Que a adoração tem tido da Poesia,
(Pois sempre foi nos versos celebrada)

Cante, adore e celebre neste dia
Aquella que tambem não vale menos
Do que ella no aureo tempo já valia.

Soltem-se, pois, sons módulos e threnos:
Que toda a voz se afine e se concerte
Porque a regencia agora cabe a Venus.

Vôe a Alegria, os corações experte,
Hebe despeje as amphoras de cima,
Ferva o licôr que a dôr em riso inverte!

Prazer sómente o nosso rosto exprima!
Joelho em terra, ó Venus soberana!
—Salve! Rainha esplendida da Rima!

—Salve! Deusa do Verso! Hosana! Hosana!

25 de Outubro de 85.

XVIII

LYRA DA ARCADIA

II

ODE

AO AMIGO E MESTRE MACHADO DE ASSIS, POR OCCASIÃO DO BANQUETE QUE LHE FOI OFFERECIDO PELOS SEUS AMIGOS, EM O DIA SEIS DE OITUBRO, ANNIVERSARIO DA PUBLICAÇÃO DAS SUAS « CHRYSALIDAS ».

Eu, que jamais cantei na lyra obscura
Merito falso, duvidoso nome;
Eu, que esta lyra pobre
Jamais tangi para exalçar vanglorias,
E que, á lisonja avesso, emmudecido
Prefiro estar, a estar entoando lôas
A quem não as merece;
Eu, affeito somente
A vibrar do laüde as cordas brandas
Para dizer de amor ou de ternura
Harmoniosos carmes;

Eu, para quem silvestre avena sôa
Melhor que a tuba sibilante e forte
De épicos feitos, de batalhas rudas;
Eu, que as Musas invoco
E invoco o cynthio Nume
— Que, no carro tirado da quadriga
Impetuosa e ardente, os céos percorrè,
O diurno calor lançando á terra
E não raio trisulco
Tal como o Deus tonante, —
Só para as queixas d'alma dolorida,
Ou para as boas alegrias d'alma
Dizer em verso brando,
De flôres frescas todo afestoado,
Rescendente de aroma, enaltecido
De intimo sentimento;
Eu, que em trovas misturo
Risos e prantos, dôres e prazeres,
E que só sei cantar de amor e flores,
—Hoje vibro da lyra a corda intacta
Do louvor — que o mereces,
Tu, altissimo vate,
Eximio bardo, prosador excelso!

A tua lyra de oiro sonorosa
—Do estro brasileo gloria imorredoira,

Tua lyra inexhausta,
De cordas tersas, de afinadas cordas,
Vibra todos os sons aos Numes gratos.
E quando ao Pindo ascendes,
A turba dos poetas
Os instrumentos proprios dependura
Só para ouvir teu canto melindroso,
Delicadas endechas,
Cultos sonetos, odes florejantes,
Riquissimos poemas, rendilhados
De finos arabescos e de rimas
Peregrinas e nobres,
De exquisitos conceitos,
De Fórma casta, de Arte primorosa!
A tua inclyta penna
Que os versos borda, egual aos versos traça
Prosa fidalga, prosa ennobrecida
Pelo estudo cuidoso da materna
Tão maltractada lingua.

O scepticismo, ás vezes,
Teus fulgurantes quadros ennegrece;
Mas, é tal o matiz de que os enfeitas,
E a gradação das côres
É de tal geito variada e rica,

Que a gente diz de si comsigo : « O Mestre
Sabe que o 'stylo é passaro canoro
Que só quer a plumagem
Do adjectivo sóbrio ;
O derramado 'stylo não lhe assenta,
Como o dizer perluxo lhe não cabe. »

Se os castiços vocabulos enliças,
Com tal dextreza o fazes,
Que nunca da teada
A urdidura se vê na trama fina.
A' tua voz um Duende azul, que embosca
Nos roseiraes os sylphos,
Salta do livro, trasgueando em frente
Dos olhos pasmos do leitor sizudo.
São de vêr as diabruras do maroto
Do Trasgo imponderavel
E intactile, que já, folgando, avança
Em crebros passos, a compor visagens ;
Já trasflorando vae com summo engenho
Atra philosophia
Entre cheirosas flôres;
Já de invenções originaes e novas,
De inópinos assumptos não sabidos,
Ereas placas burila.

Parece-me, este Lemure, o teu genio
Operoso, cantor de *Americanas*
Lendas, que, das *Chrysalidas*, *Phalenas*
Tiraste e derramaste
Por esse espaço infindo,
Como uma chuva de oiro e pedrarias
Qu'inda hoje os montes consagrados cobre
De luminosos, rútilos pingentes.
Por isso, aqui, agora,
Neste agape fraterno,
De irmãos em lettras contorneado, amigos
Todos, todos no mesmo lume accesos
Do louvor, do elogio, não comprado
Mas leal e sincero,
D'alma vindo e nascido;
Por isso á Arcadia antiga avóco as Musas
Dos maioraes das odes portuguezas
Para cantar de ti: Seja o Passado
Que o Presente proclame!
Eu, que sou do Futuro
Inda talvez, em duro verso e crespo
De loiros te engrinaldo a larga fronte,
Cantor instructo, Conselheiro claro,
Sabio, consulto Mestre!

6 de Outubro de 86.

٢

XIX

HONNI SOIT

SENHORA, se estes meus versos
Vos encantarem agora,
Como os meus versos diversos
Que tendes lido, senhora;

Dona de vívidos olhos,
De rubros labios sangrentos,
Tereis meus versos aos molhos,
Minhas endechas aos centos.

Que as vossas mãos caprichosas,
Que a Natureza formára
Para vergonha das rosas
E espanto da neve clara,

Que as vossas mãos feiticeiras,
Como se colhessem flores,
Colham as rimas primeiras
Dos derradeiros amores.

Que aos vossos dedos, prodigio
Que entre caricias traidoras
Tem levado ao lago Stygio
Tantas almas peccadoras,

Que aos vossos dedos se enlacem
Meus versos extravagantes,
Como anneis que irradiassem
Lumes de caros diamantes.

Ou nessa mão delicada
Sejam meus versos mimosos
Como na mão de uma fada
Os talismans milagrosos :

Façam que sempre o destino
Illuminado me seja
Por vosso olhar peregrino,
Embora se morda a inveja.

Faça o verso melindroso
Que eu veja o que nem diviso:
Como um astro em céo trevoso
A luz do vosso sorriso.

Que um sorriso vosso apenas
Bastará, minha senhora,
A que estas rimas serenas
Tenham toda a luz da aurora!

Então nem mesmo as consume
O tempo, que tudo arrasta,
Pois que o fulgor d'esse lume
Para protegel-as basta.

E para que a turba immensa
Contra ellas não se abalance,
Fique esta phrase em defensa:
— *Honny soit qui mal y pense!*

1886.

XX

O LEQUE

A WENCESLAU DE QUEIRO

Um beija-flor eu sou, que bebe
O mel da flor mais rubicunda:
—A bocca—flor que a flor concebe
Do beijo—flor doce e fecunda

Nos labios poiso e a bocca tapo,
E aspiro o halito cheiroso
Da alma suavemente escapo
E que eu diffundo pressuroso.

Depois, a mão que me sustenta,
A mão fidalga que me agita,
Vae descahindo lenta, lenta,
Emquanto o coração palpita.

O arfar do seio lésto encubro,
E venho e vou, sempre cobrindo
De beijos—ora o labio rubro,
Ora o pescoço altivo e lindo.

E nem tu sabes, tu, curioso
Que me interrogas, tu, gamenho,
Quanto segredo mysterioso
Nas minhas brancas azas tenho!

1 de Novembro de 86.

PENINSULARES

I

LABIOS E OLHOS

A ALUIZIO AZEVEDO

E non so che negli occhi che'n un punto
Può far chiara la notte, oscuro il giorno,
E'l mèl amaro ed addolcir l'assenzio.

PETRARCA. *In vita di mad. Laura.*

ESTA mulher, quando ardem meus desejos,
Se o meu olhar a anima, doidamente
Vem-me á bocca e suffoca-me de beijos.

E no meu coração, sincero e crente,
Ella como que um toxico inocula,
Que é repellido em sangue, de repente.

Todas as veias túrgidas circula,
Todos os vasos rapido percorre,
E ao coração tornando inda o macúla.

Ah! mas d'esta peçonha não se morre:
Pois, apenas estou convalescendo,
Ella, com beijos, mais veneno escorre.

E quando ás vezes penso estar morrendo,
Lança-me o olhar—antídoto infallivel—
E para a vida novamente ascendo.

É que d'aquelle olhar o combustivel
Todo o meu corpo trémulo avigora
E cresta a acção do labio corruptivel.

Aquelle olhar é como a luz da Aurora:
—Todo o horisonte em purpuras matiza,
Perlustra a plaga e vae-se mar em fóra!—

Aquelle olhar, que o pranto crystallisa,
Cae-me na fronte e rórido me inunda,
Como um banho de luz que me baptiza.

Tudo que perto está, que me circumda,
Tudo apparece luminoso e claro
Áquella vista limpida e profunda.

E tudo então no espirito comparo
A pupilla que os olhos me constringe
E nada encontro de um negror tão raro!

Quedo, se julgo esta mulher-esphinge,
Eu vejo nos seus intimos refolhos,
Quando a razão olhos e labios cinge,

Nos labios morte, salvação nos olhos!

1883.

II

FUNESTA

Se passas junto a mim, eu sinto as vagas
Do fundo oceano da paixão, rolando,
Quebrarem se em meu peito, como quando
Rebentam as do Mar nas duras fragas.

Da luz do teu olhar sereno e brando
Toda a minh'alma docemente alagas;
Se por acaso ris-te e se me afagas,
Semianime julgo-me tombando!

Tens sobre mim a acção mysteriosa
Que sobre o aço tem o iman ! Scismo
Que já me empolga a força deliciosa !

Sou presa d'esse eterno magnetismo !
E quando tu me fitas silenciosa,
Sinto que vou rolar num fundo abysmo !

1882.

———x———

III

A BORDO

Tu vaes! No alto mar, por sob um céo d'anil,
Lucido e transparente, infindo e immaculado,
Volve aqui para nós o semblante magoado,
Lança um ultimo olhar ás costas do Brazil.

Quando a brisa marinha, indolente e subtil,
A face te oscular num beijo prolongado,
Lembra-te então de mim, do pobre desterrado,
D'esta ingenua paixão, tão simples e infantil!

Quando vires voar os albatrozes brancos,
Com as azas rasgando os pincaros e os flancos
Das montanhas azues do oceano sem fim,

Deixa então a tua alma atravessar o espaço...
Que ella venha poisar no meu febril regaço
E chore o teu amor lembrando-se de mim.

1882.

IV

A' VOLTA

VOLTA ao meu seio, pomba foragida,
Pomba de amor ha tanto tempo voando!
Emquanto longe andaste viajando
Foi-me um martyrio o goso d'esta vida.

Quando foste d'aqui, alma querida,
Um rosario de perolas chorando,
Apagou-se o meu sol risonho e brando
E prolongou-se a noite erma e comprida.

Ficou-me tudo em trevas mergulhado
E na minha existencia eu nada via
Que não fosse de lagrymas banhado.

Voltas agora e volta-me a alegria!
Posso acordar tranquillo e descuidado:
Ha luz, ha sol, resplende o meio-dia!

1882.

V

DIZIA D. JOÃO:

QUANDO, mulher, te fito o seio morno,
O meu olhar, profundo e commovido,
Adivinha-te as linhas do contorno
Do teu corpo de marmore polido.

Essa breve cintura flexuosa,
Que se póde prender entre dois dedos,
Faz-me sonhar uns sonhos côr de rosa,
Povoados de lúbricos segredos.

Vôa para os teus lábios nacarados,
Aquecidos ao fogo dos desejos,
Como um bando de insectos abrazados,
A multidão faminta dos meus beijos!

Esses teus olhos humidos e pretos...
Eu não vou descrevel-os... que loucura!
Um grande poeta em trinta mil sonetos
Não podéra pintar-lhes a ternura!

Esse teu pé pequeno, esse thesoiro,
— Qual da gazella a pequenina pata —
Pode servir, emmoldurado em oiro,
Como adorno gentil para a gravata.

Esse teu bello corpo serpentino,
Que tem a côr dos pecegos maduros,
Vibra em noss'alma, como um largo hymno
Nos abysmos tartaricos, escuros.

Abre um sorriso alegre, abate o pejo,
E mostra, flor, um sentimento franco:
E durma juncto a ti o meu desejo
Humildemente, como um galgo branco!...

1882.

VI

CASTO AMOR

E eu beijo a maciez do arminho avelludado
D'essa tua epiderme odorifera e fresca,
Logo me vem á mente a pallida Francesca,
Voando pelo azul com Paolo enamorado.

Nos grandes olhos teus – dois céos—a romanesca
Scena do grande poema austero e magoado
Se espelha e reproduz, deixando-me enlevado
Nesse quérulo amor da página dantesca.

Se tu fôras Beatriz, e não a adulterina
Esposa do fidalgo, a meiga florentina,
Garça amorosa e doce, apunhalada inerme ;

Se tu fôras o ideal castissimo do Dante,
Eu, pobre sonhador, seria teu amante,
Mas não te beijaria a pallida epiderme!

12 de Abril de 82.

VII

EVOHÈ!

I

ACCEITA o *bouquet* de flores
Das minhas rimas singelas;
Embora não tenha odores,
Acceita o *bouquet* de flores.
Aos teus olhos tentadores
Ficam de certo mais bellas.
Acceita o *bouquet* de flores
Das minhas rimas singelas.

II

Quizera tecer-te um leito
Todo de folhas de rosas!
No *boudoir* do meu peito
Quizera tecer-te um leito.
Seria um ninho perfeito
Das coisas mais preciosas!
Quizera tecer-te um leito
Todo de folhas de rosas!

III

O corcel da Phantasia
Trota á luz dos arrebóes!..
Da escura noite faz dia
O corcel da Phantasia!
Vae hoje á luz que irradia
D'esses teus olhos—dois sóes!
O corcel da Phantasia
Trota á luz dos arrebóes!..

IV

Deixa-o, que vá pelo espaço
Convocando os velhos mythos.
Elle não sente cansaço:
Deixa-o, que vá pelo espaço!

Que na vertigem do passo
Calque estrellas e infinitos!
Deixa-o, que vá pelo espaço
Convocando os velhos mythos.

V

A theogonia pagan
Que deixe os templos da Grecia...
Que venha, guapa e louçan,
A theogonia pagan!
Toque na frauta de Pan
O riso de uma facecia!
A theogonia pagan
Que deixe os templos da Grecia!

VI

Venha o Baccho purpurino,
De verdes parras c'röado;
Traga um thyrso de oiro fino!
Venha o Baccho purpurino!
Para o banquete divino,
Para o banquete doirado,
Venha o Baccho purpurino
De verdes parras c'rôado!

VII

Venham Silenos bregeiros
Prostrar-se aqui aos teus pés!
Deixa vir os feiticeiros...
Venham Silenos bregeiros!
Andaram mezes inteiros
A tasquinhar *triolets*...
Venham Silenos bregeiros
Prostrar-se aqui aos teus pés!

VIII

Eia! Jupiter tonante!
Não faças metamorphoses.
Vibra um raio deslumbrante!
Eia! Jupiter tonante!
Meu velho patusco amante,
Soffre as modernas nevroses!
Eia! Jupiter tonante...
Não faças metamorphoses!

IX

Lá vem a loira Amphitrite
Na concha do mar Iónio!
A Musa fez-lhe um convite:
Lá vem a loira Amphitrite!

Neptuno tem appetite
D'aquella carne, demonio!
Lá vem a loira Amphitrite
Na concha do mar Iónio!

X

Ouvem-se harpejos e threnos
D'ignota lyra distante...
Ajoelham-se os Silenos,
Ouvem-se harpejos e threnos!...
Que deslumbramento!—é Venus,
A deusa mais fulgurante!
Ouvem-se harpejos e threnos
D'ignota lyra distante.

XI

Ao fulgurar d'esta troça,
Catadupe esta Alegria!
O riso os tédios acossa,
Ao fulgurar d'esta troça!
Mocidade! a vida é nossa!
Evohè! nova poesia!
Ao fulgurar d'esta troça,
Catadupe esta Alegria!

XII

Este divino phalerno
Bebo aos teus annos, formosa
Symbolisa o goso eterno,
Este divino phalerno.
Haja o 'strepito moderno!
Viva o prazer côr de rosa!
Este divino phalerno
Bebo aos teus annos, formosa.

3 de Março de 82.

IX

A UMA ESCULPTURA

São espheras de leite coagulado
Esses teus seios rijos e pequenos!
Ah! se eu pudera, se eu pudera ao menos
Macular-lhes o alvor immaculado!...

O sulco que os divide, o desejado
Abysmo, que entontece heróes serenos,
E' o tumulo sombrio onde os venenos
Morrem do meu olhar allucinado.

Aphrodite não tinha as tuas pomas,
Essa alvura de tez, esses aromas
Que nos prostram de lúbrico torpor!

Deixa que nellas caiam meus desejos
Numa descarga electrica de beijos,
Para que eu morra bebado de amor!

Janeiro, 1882.

X

RESURREXIO!

(Numa gravura)

A BELMIRO DE ALMEIDA

« Ao deus risonho á magica influencia,
Emergimos do liquido espumante!
Repara, ó minha esplendida bacchante:
Nós somos uma só effervescencia!

Abre o teu seio ao meu amor flagrante;
Cede as pomas á lúbrica demencia
De um longo beijo que te sorva a essencia
Da espantosa belleza fascinante!

Filha do amor pagão da Venus grega!
D'essa alva carne, que adormenta e cega,
Hauro o mel como a abelha á flor dos thymos.

Sou o morto deus phantastico dos Gosos!
Desmaia nos meus braços amorosos,
Canta o poema da Carne! Resurgimos! »

1882.

———x———

XI

IGNOTA DÉA

A ALBERTO DE OLIVEIRA

Vem a meus braços, poisa a tua bocca
Sobre os meus labios sofregos, ó clara
Luz da minha alma, e celere destouca
A flava coma, de fartura rara!

Com esse mólho rútilo de tranças
Zimbra-me o peito, de te amar culpado,
O' branca flor das minhas esperanças,
Amada como ninguem foi amado!

Quero-te ver tal como te imagino
No meu leito isolado, noite a fóra,
Quando o meu pensamento o teu destino
Precede, e volta a me avisar da hora,

Do momento preciso em que a roupagem
Branca desprendes, e te salta o peito
Livre dos linhos, e apparece a imagem,
O modelo mais nitido e perfeito,

Vivo, das Venus da esculptura grega !...
Como os meus olhos palpam e tacteiam
A rija carne, cuja alvura cega,
E os meus sentidos perfidos enleiam !

Vão-se-me os olhos, como allucinados,
Pelo teu peito sumptuoso e cheio,
Páram nos saramátulos rosados
Dos hemispherios géminos do seio !

Tudo circumdam, tudo enlaçam, tudo
Percorrem, tudo apalpam, tudo cingem...
E rosetas vermelhas no velludo
Da tua alvura immaculada tingem !

Voltam depois, cançados forasteiros
Do Bello eterno, ás orbitas vazias...
Cobram alento e, discolos, ligeiros,
Continúam de novo as correrias;

Escorregam de novo, curva a curva,
Do níveo collo á rapida petrina;
Descem depois á parte que os enturva
Por tão mimosa, delicada e fina:

— O teu pé! O teu pé!.. Mas que portento
De intrepidez, de força nunca vista,
Ha que o possa reter no pensamento,
Ou que a beijal-o impavido resista?!

Então ali meus tristes olhos param
Desvairados e attonitos! Parece
Que, dos encantos todos que fitaram,
Nenhum se póde comparar com esse!

Tornam de novo ás orbitas. Da viagem
Ao paiz da suprema formosura
— O teu corpo—ficou-lhes a visagem
Tresvariada e pasma da loucura!

Mas quem te deu tão singular encanto?
Mas quem te deu tão singular belleza?
Quem te deu tanta graça e brilho tanto?
Julgo para isso pobre a Natureza!

És um genio talvez dos velhos mythos,
Deusa pagan, do Olympo despenhada,
Que andas por estes mundos infinitos
Percorrendo uma esphera illimitada.

Felizmente eu apenas te imagino!..
Se eu visse tudo o que na mente aggrego,
Se os meus olhos teu busto peregrino
Fitassem nú... seria agora cégo!..

1882.

XII

IDA

A FLOR do teu olhar illuminado,
Boia um fluido de languida ternura,
Tão cheio de meiguice e de doçura
Que ora parece alegre, ora maguado!

Só na Italia, o jardim sempre doirado
Pelo bom sol, e pleno de frescura,
Se podéra crear a formosura
Do teu formoso olhar, anjo adorado!

Na luz que d'elle emana e que scintilla
Todo o teu rosto s'illumina e esplende
Quando me fitas placida e tranquilla.

E eu sinto que me junge e que me prende
Á rutilante e fulgida pupilla
Um grande amor que o teu olhar accende.

Setembro de 83.

XIII

ANTONIETTA

Tens o nome da austriaca famosa
Que a justiça da Historia condemnára;
És como ella galante, e és orgulhosa
De uma belleza original e rara.

A côrte mais brilhante e mais pomposa
Que essa rainha excentrica sonhára,
Nem de longe o meu cerebro, formosa,
Á tua côrte esplendida compára.

Mas tu, que sabes bem dos episodios
Das explosões dos crimes e dos odios,
Quando o povo rugio como um leão,

Deves ceder do meu amor ao brado,
Que os meus desejos,— povo revoltado,
Como o povo da França—exigem pão!

Setembro de 83.

———x———

XIV

BIOLETS

I

Tão cheias de luz e flores
Que vinte e tres primaveras!
Deusa das minhas chimeras,
Rainha dos meus amores,
Que vinte e tres primaveras
Tão cheias de luz e flores!

II

Ao pleno florir da edade
Chegaste, de encantos plena.
Minha doirada phalena,
Luz da minha mocidade,
Chegaste, de encantos plena,
Ao pleno florir da edade.

III

No teu caminho plantadas
Que sempre vicegem rosas...
Formosa entre as mais formosas,
Amada entre as mais amadas,
Que sempre vicegem rosas
No teu caminho plantadas!

1883.

XV

BEIJA-FLOR

I

SACODE as azas inquietas
Cheias de inquieto fulgor.
Rainha das borboletas,
Sacode as azas inquietas.
Beija as rosas e as violetas,
Irisado beija-flor.
Sacode as azas inquietas
Cheias de inquieto fulgor.

II

Teu fulvo pollen doirado
Matize e colore as plantas.
Seja um pincel inspirado
Teu fulvo pollen doirado.
Que o vergel mais variado
Fique, se o vôo levantas.
Teu fulvo pollen doirado
Matize e colore as plantas.

III

Saltita, as flores beijando,
O' alma do meu jardim!
Mel e perfumes sugando,
Saltita, as flores beijando.
E quando fores voando
Que não te esqueças de mim.
Saltita, as flores beijando,
O' alma do meu jardim.

IV

Como eu seria ditoso
Se fosse como tu és!
Sendo brilhante e formoso,
Como eu seria ditoso!

Mandava ao diabo o goso
Da Musa dos *triolets*...
Como eu seria ditoso
Se fosse como tu és!

V

Quando te vejo entre flores
Duvído se és flor tambem...
Tenho ciumes traidores
Quando te vejo entre flores.
O' ave dos meus amores,
Tens o matiz que ellas têm;
Quando te vejo entre flores
Duvído se és flor tambem!

VI

Olha as aves de rapina,
Vê que não te façam mal.
Avesinha peregrina,
Olha as aves de rapina.
Porque essa malta assassina
Bem póde ser-te fatal.
Olha as aves de rapina,
Vê que não te façam mal.

VII

Rebrilha e fulge e scintilla,
Ave de eterna belleza!
Bebe o mel que a flor destilla;
Rebrilha e fulge e scintilla.
És a brilhante pupilla
Dos olhos da Natureza!
Rebrilha e fulge e scintilla,
Ave de eterna belleza!

VIII

O' que destino galante:
Perpetuamente beijar!
Beijo aqui, beijo adeante,
O' que destino galante!
Ser eternamente amante,
—Que os beijos fazem amar—
O' que destino galante:
Perpetuamente beijar!

XVI

BIOLETS

I

Tão forte e tão rubicunda
Como ficaste, senhora?
Acaso roubaste á aurora
A côr de que ella se inunda?
Como ficaste, senhora,
Tão forte e tão rubicunda?

II

Dona de rúbidas galas,
A minha côr não a vejas,
Tu tens a côr das cerejas
E eu tenho a côr das opalas...
A minha côr não a vejas,
Dona de rúbidas galas.

III

Nas tuas faces macias
Tens duas rosas vermelhas.
Do beijo as doidas abelhas
Devem sugar-lhe ambrosias.
Tens duas rosas vermelhas
Nas tuas faces macias.

IV

Nem pódes corar de pejo,
Visto que és sempre corada...
Assim ninguem verá nada
Se tu me deres um beijo :
Visto que és sempre corada
Nem pódes corar de pejo.

15 de Março de 83.

XVII

SORRIDE-VOS!

TUDO que eu n'alma acaricío e afago,
A luz que a minha phantasia inunda,
A buliciosa, intérmina e jocunda
Alegria em que eu vivo, ondeio e vago;

Todo o espelhento, azul e fresco lago,
Que a chorêa das Naiades circumda,
De onde a Poesia emerge e onde se affunda,
Tudo, Senhora, aos vossos pés eu trago.

Meu bandolim peninsular, e a lyra
Meridional, e o crótalo de outr'ora,
E o arrabil moirisco que me inspira;

Toda esta orchestra humílima, que chóra,
Ou canta, ou ri — como a vontade a fira, —
Para vos ver sorrir, vos dou, Senhora.

1883.

XVIII

SUPREMA DÉA

A LUIZ MURAT

NADA mais ha por toda a Natureza,
Des de o granito ao rútilo diamante,
Des de as aves á flor,
Des de a infinita e concava turqueza
Que se delumba sobre nós, distante,
Onde o eterno fulgor
Dos astros solta-se e illumina tudo,
Até o insecto pequenino e mudo;

Des de a Aurora, que em chammas desenrola
Todo o seu fogo e se desfloca em nimbos,
Transfundindo-se em luz
Que pelas nuvens pándas se transcola
E desce em stalactites, e em corymbos
Se faz e reproduz,
Undiflavando e comburindo a enorme
Face do eterno e fundo mar que dorme;

Des de essa grande luz deslumbradora,
Fúlgida, até a minima scentelha
Do carvão mineral;
Tudo, mas tudo, a carne encantadora,
Fulgurante, apopletica, vermelha,
Do pintor sensual
Rubens; o olhar velado e turturino
Da virgem-mãe de Raphael de Urbino;

Tudo que o genio humano em si resume,
E a Natureza dá, que nos encanta —
O som, a luz, a côr,
A linha, a fórma plastica, o perfume,
A pedra, o ar, o vento, a flor, a planta,
A montanha, o calor,
O mar, a terra, o espaço, a athmosphera,
O Inverno, o Outomno, o Estio, a Primavera;

Tudo, afinal, que eu tenho visto e vejo,
Tudo o que me deslumbra e o que me assombra,
Fito e possa fitar,
Tudo, — ó celeste encarnação de um beijo! —
Tudo, reunido, nem te imita a sombra,
Bella mulher sem par,
Da Creação suprema creatura,
Belleza extrema, extrema formosura!

Novembro de 83.

———x———

XIX

OLHOS PRETOS

Os teus olhos, Maria, pretos, pretos,
Quem faz versos e os vê, jámais resiste
A compôr uma duzia de tercetos.

Eu quizera saber em que consiste
A força que elles têm, que a gente ao vel-os
Fica alegre por mais que seja triste !

Inda mais negros do que os teus cabellos,
Philtram venenos que nos adormecem,
Não sei se por tão negros ou tão bellos.

Mas o que sei é que elles me parecem
Dois carvões infernaes incandescentes
Que os meus sentidos gélidos aquecem.

Ai, Maria, desgraça de innocentes
Almas! Que geração trabalharia,
Que raça de imperterritos valentes

Andou reunindo tudo quanto havia
De bello e negro, de profundo e bravo,
Para te dar uns olhos taes, Maria?

Eu, que me sinto eternamente escravo
D'esse estranho poder, eu na humidade
Dos olhos teus minh'alma affundo e lavo.

E que doce, e que meiga, a crueldade
D'elles, o nosso coração ferindo!
Tão meiga e doce que nos dá saudade.

Como um leque oriental, fechando e abrindo
Vaes as rosadas palpebras, franjadas
De longos cilios! E que gesto lindo!

E quando, á frouxa luz das madrugadas,
Abres os negros olhos despertando,
Ficam todas as coisas deslumbradas!

A vista pelo quarto passeiando,
Os pequeninos nadas que ficaram
Esquecidos tu vaes incendiando.

Eu, para o fogo em que elles me abrasaram
Não procuro nem quero curandeiros.
Para apagar-me o incendio que atearam...

Isso nem todo o Corpo de bombeiros!

1883.

XX

DOIS MARES

REVOLVE-ME a mente escura
Uma duvida sem par:
Se o céo será, por ventura,
Inda mais bello que o mar.

Não é. Se tem as estrellas
O immenso azul esmaltando,
Rebanhos de nuvens bellas
E milhões d'astros brilhando;

Não tem a lucta, os bramidos
Do formidavel leão,
Cujos horrentes rugidos
Fazem tremer a amplidão.

O mar, o mar, que se perde
Nas sombras do illimitado,
Infinito lençol verde
Cobrindo um leito ignorado;

O mar tem maior belleza,
É mais grandioso que o céo;
Foi nelle que a Natureza
Tudo que tinha nos deu.

Por isso, ó flôr que me perdes!
A uns azues singulares
Prefiro teus olhos verdes,
Que me parecem... dois mares.

Abril de 86.

XXI

EXTREMOS

Tem sobre mim teu beijo duplo effeito :
Ora me alenta, ora me desalenta ;
Mas inda que eu pareça satisfeito,
Sinto o meu sangue em horrida tormenta !

Ao teu olhar confrange-se-me o peito ;
E nessa estranha luz que me aviventa,
Vejo em chammas arder a alma sedenta,
Sinto o meu pobre coração desfeito !

Loira filha do sul, galgaste espaços!
Deu-te essa graça o vivo sol da França:
Eu, por desgraça, hei de seguir-te os passos!

Não me atormente mais essa esquivança...
Não queres dar-me a vida nos teus braços,
Tens-me a teus pés,—pois mata-me, criança!

1886.

XXII

FINGI

Il cuor malato e l'anima malata,
Cerco la causa della malattia
Che forse ucciderà la vita mia,
E sol la trovo ne' tuoi occhi, ingrata.

Tu non sei ragionevol, se' fuorviata!
Se non m'ami, non dirmi la bugia
Di non amar nessun: qual ch'ella sia,
Mutar si puó la sorte tua beata.

Ha bisogno d'amore il nostro cuore,
Amor, ch'è gioia d'anima e lamento...
Nulla vive nel mondo senza amore.

Se tu non vuoi guarire il mio tormento,
E se l'anima senz'affetto muore,
Fingi d'amarmi ed io saró contento.

26 de Agosto de 86.

———*———

XXIII

GUERRA E PAZ

QUEIMA-ME o ardor dos olhos teus, emquanto
Juras amar-me, e com vehemencia o juras;
Já não são para mim as aventuras
Que ainda ha bem pouco me agradavam tanto.

Cerrei o dique ás languidas ternuras,
Dos trambulhões passados me alevanto;
Não me peças amor, que amor, portanto,
Já t'o não posso dar como o procuras.

Esta alma, que em mim vês, não me pertence :
Tenho-a em penhor da minha, que anda agora
Por longes terras que eu desejo em vão.

Mas se a tua alma ardente não me vence
E para nós do amor não surge a aurora,
— Guerra aos sentidos, paz ao coração.

25 de Dezembro de 86.

———x———

XXIV

A BOCAGE

Zoilos, tremei! Posteridade, és minha!
BOCAGE.

HARPA, arrabil, tiorba, lyra, avena,
Tudo em teus cantos por egual feriste.
Ora alegre, ora altisona, ora triste,
Sorrio-te sempre a divinal Camena.

Palpaste o fundo abysmo á dor terrena,
Tocaste a gloria póstera, e sentiste
Que, quando á lama o vôo desferiste,
A alma inócua voltára mais serena.

Do tropel das paixões a guerra crúa
Soffreste-a, versos desparzindo a esmo,
E foi-te unico allivio o céo da Arte;

Mas hoje, emfim, Posteridade é tua,
Pois que tão grande foste que nem mesmo
A propria Morte conseguio matar-te.

21 de Dezembro de 86.

PARTE SEGUNDA

INTIMA LYRA

O POEMA DO AMOR

De amor escrevo, de amor trato e vivo.

CAMÕES.

L'amour est un tyran qui n'épargne personne.

CORNEILLE. *Le Cid.*

I

O POEMA DO AMOR

Oh! quem me ali dissera
Que de amor tam profundo
O fim pudesse ver eu algum'hora!

CAMÕES.

I

Eu nunca tinha amado por tal fórma;
Nunca sentira o amor enfebrecido,
Que as almas vence e os corações transforma.

Tinha vivido num perpetuo olvido,
Tinha atirado aos ventos o presente,
E do futuro, antes de crêr, descrido.

Ha muito já chorára e longamente
As sanctas illusões do meu passado,
As chimeras do espirito doente.

Eu julgava-me forte e preparado
Para luctar com toda a desventura,
Para ferir batalhas com meu fado.

Tinha uma formidavel armadura
Feita de força e feita de experiencia,
Que me forjára o horror da sorte dura.

Todos os féros golpes da existencia
No pavez da vontade os aparava,
E era indomavel minha resistencia!

Nunca a minha alma fôra um dia escrava;
Nunca o meu coração fôra sujeito;
Só o que devia ser amado—amava.

No recondito fundo de meu peito
Abrigava uma dôr intensa e rude,
Que ha muito o tinha invulneravel feito.

Se o soffrimento póde ser virtude,
Eu era virtuoso, pois soffria
Todo o pezar que a côr ao gesto mude.

E a minha dôr já quasi era alegria!
Pois de tal sorte a estava alimentando
Que unicamente d'essa dôr vivia!

Quer estivesse rindo, quer chorando,
Sempre ella vinha da alma ao pensamento,
Todos os meus sentidos dominando!

II

E esphacelou-se tudo num momento!
Vi com pasmo ruír, uma por uma,
As causas da alegria e do tormento!

Nada que o nosso espirito presuma
Ser de inteira firmeza e segurança,
Nada tem segurança e é firme em summa.

Pezar da minha lúcida esquivança,
Em dia escuro tu me appareceste,
E nova luz raiou-me de esperança!

Incomparavel magoa que me déste!
Tu transmudaste toda a dôr num riso
Com as blandicias ternas que tiveste!

Eu no passado proximo diviso
Ainda toda a luz que derramaste
Pelo meu momentaneo paraiso!

O nosso céu de estrellas esmaltaste,
Cobriste o nosso thalamo de flôres,
E de velludo o solo alcatifaste!

De noite vinham rúbidos Amores,
Armados com as delicadas settas,
Adornadas de plumas multicôres,

Entoar as canções do amor, secretas,
Liando os nossos corações amantes
Ás estrophes de incognitos poetas!

Havia como glorias deslumbrantes
Na aurora em fogo do fatal desejo,
E apotheoses d'almas, fulgurantes!

E afastando p'ra longe todo o pejo,
Os nossos labios trémulos cantàvam
Os duetos da opera do beijo!

Que loucura de amor! Como ficavam
Nossos abraços um do outro á espera,
Nos momentos em que não se abraçavam!

Que loucura de amor! Fulva chimera
Nos mergulhava em sonhos a alma anciosa,
Deixando-a como, em plena Primavera,

Deixa o frescor da noite a fresca rosa:
Tanto de orvalho em perolas ungida,
Que parece nas pétalas chorosa.

Dando amor por amor, vida por vida,
Beijo por beijo, abraço por abraço,
Nossa existencia estava em luz fundida!

Nossas vidas, ligadas num só laço,
Tinham-se confundido por maneira
Que andavamos os dois num mesmo passo!

Tinhamos uma unica, ligeira,
Ligeira e vaga percepção do mundo
Que nos atára na paixão primeira.

Rugía em torno o pélago iracundo
Das explosões da cholera e da ira,
E da raiva e da inveja o odio profundo!

Nunca um extasi egual o mundo vira,
Semelhante paixão não vira nunca,
Nunca ninguem um tal amor sentira!

E, como o rijo vento arvores trunca,
Tentou truncar as flores d'esse affecto,
Cravando nos no peito a garra adunca!

Não poude ter o gosto seu dilecto:
Babujou-nos,— lavámo-nos da baba,
Foi o nosso triumpho então completo.

III

E tudo desabou, como desaba
Para o tumulo a vida transitoria!
Quanto mais forte o amor, mais presto acaba!

Ha de ser esta sempre a eterna historia:
Sol explosindo em rapido caminho,
Deixando apenas trevas na memoria!

Ave de amor! abandonaste o ninho!...
Eu, que te vi o coração de perto,
Julguei-o todo plumas, todo arminho;

Vejo-o ao longe melhor:— todo coberto
De bolor, a tombar num fundo abysmo!...
Como é triste prever teu fado incerto!

IV

Agora, só commigo, scismo, scismo:
D'aquelles sonhos de felicidade,
D'aquelle amor no horrivel cataclysmo —

Sómente resta a pallida saudade!

18 de Dezembro de 84.

II

AMOR E RAZÃO

A ALBERTO PEREIRA LEITE

Sempre a razão vencida foi de amor.
CAMÕES.

PORQUE me hei importar? Se a Razão pede
Sacrificios, com lagrymas os paga.
Se tenho no meu peito aberta chaga,
Ella nenhum allivio me concede.

« Pára, infeliz! Alguem teus passos mede...
Se em gosos a tua alma se embriaga,
Todos os teus sentidos prende e esmaga,
Que sentir e gosar o mundo impede! »

« Se tens um coração e nelle occulta
Uma paixão qualquer, ou triste ou grata,
Fere-o, e no peito toda a dôr sepulta. »

— Isto a Razão nos diz contra a Paixão.
Mas se esta nos dá vida, e aquella mata —
Que vença o Amor e esmague-se a Razão

25 de Dezembro de 84.

III

DIAS CÔR DE ROSA

A A. F. LOBO JUNIOR

PROCURE a Sorte engenhos e lembranças,
Pensamentos e sonhos que me agitem,
Idéas que em meu cerebro palpitem,
Novas chimeras, novas esperanças;

Pratique toda a casta de allianças
Com a Dôr e o Tormento, que me irritem,
E jámais logrará que se não fitem
Os meus olhos nos teus, entre esquivanças.

Vendo dos prantos meus a fonte estanque,
Corra o Destino em pós das phantasias
E á minha dita a porta cerre e tranque!

Açule e incíte as iras mais impías,
Tanto fazer não póde que me arranque
Toda a ventura enorme d'estes dias!

25 de Dezembro de 84.

IV

TO BE OR NOT TO BE

A GASPAR DA SILVA

Per me solo si vede
Scuro el ciel, sordo il mar, secca la terra...
SALVATOR ROSA.

Eu já não sei se vivo ou se não vivo,
Já não tenho esperanças nem vontade,
Já nem sinto as doçuras da saudade,
E vejo que ando de mim mesmo esquivo.

Alheio a tudo, estupido e passivo
Como um doido que foge á sociedade,
Penso até que a loucura que me invade
Já nem me torna triste e scismativo.

Ser ou não ser? Não sei; sonho acordado,
A toda a dôr me prendo e me sujeito,
E nada sinto nem me dá cuidado.

Nada! Nem mesmo um riso contrafeito!
Certo, só sei que boia enregelado
O cadaver da alma no meu peito!

25 de Dezembro de 84.

V

CHORA!

OLHA; escorre-me n'alma esse teu pranto,
Amada minha! As lagrymas escorre
Pelo meu peito, e ao sangue que me corre
Nas veias, vê se as vaes mesclando, emtanto.

Por mim, amo-te tanto, tanto, quanto
Amar se póde emquanto se não morre
Assim, verás, teu pranto me soccorre
Quando eu falleço por querer-te tanto.

Corram, pois, tuas lagrymas em fio,
Senhora minha, dona do meu peito,
E cresçam na minha alma como um rio.

Ellas hão de lavar-me de tal geito
A nova dôr atroz com que porfio,
Que me verás alegre e satisfeito.

25 de Dezembro de 84.

VI

SEMPRE!

Nas tristes horas d'este apartamento
Toda a razão de mim tambem se aparta,
Tanto monta que partas ou que eu parta:
É sempre egual o duro soffrimento!

Esquecer-me de ti jámais intento;
Pois se de gosos temos a alma farta,
Mais gosos carecemos, que reparta
Com a nossa alma o nosso pensamento.

Triste e cruel Destino, que nos chega
Um para o outro quando nos separa !
E como é para nós Fortuna céga !

Lucto, e vencer não penso nem consigo :
Fujo á tua presença, que me é cara,
E quanto mais te fujo mais te sigo !

25 de Dezembro de 84.

VII

TUDO POR TI

Já não tenho um vocábulo que exprima
O que eu sinto por ti, boa e perjura;
Pois já não servem, não, pela ventura!
Amizade, Affeição, Amor, Estima.

Nem um vislumbre minha mente anima!
Tomo da lyra e encontro-a rouca e dura;
Que p'ra moldar em versos a ternura
Já me fallece o plectro e falha a rima.

Já nem sei o que penso e o que pretendo.
A minha penna tolhe-m'a o torpor;
Dizer não sei, falando nem 'screvendo!

Nada, pois, te direi na minha dôr,
Senão que só, por ti, sinto estar tendo
Amizade, affeição, estima e amor!

25 de Dezembro de 84.

VIII

PARADOXO VERDADEIRO

A BOAVENTURA DE SÁ

Fui venturoso: fui amado, amando!
Eu palpitava quando palpitava
Com mais vehemencia alguem que me adorava,
Beijos de fogo recebendo e dando.

Almas fundindo e gosos misturando,
Para nós cada dia que passava
Nossa ventura leda accrescentava,
O horisonte do amor accrescentando.

Feliz eu fui, gosei toda a ternura!
Mas acabou depressa o goso immenso:
Arvore morta, não deixou raizes.

Vem após a ventura a desventura...
Por isso eu hoje tristemente penso:
— Como são desgraçados os felizes!

28 de Dezembro de 84.

IX

DERRADEIRO VESTIGIO

Como a soidão é lugubre e sombria!
Entrei hontem na casa em que morámos,
Em que, com tanto amor, nós nos amámos,
E que já está de mim, de ti vazia!

A nossa alcova, o ninho onde a harmonia
Do cégo amor com beijos concertámos,
Muda como, crueis! nós a deixámos,
Encheu-me o peito de melancholia.

Nua a parede de papel forrada;
Tudo vazio, exanime e desfeito!
Branco, o tecto cobrindo aquelle nada!

Só nelle, que nos foi um céo perfeito,
Vi, como estrella morta ou apagada,
A roldana da cúpula do leito!

3 de Janeiro de 85.

———x———

X

MAGUAS

AO DR. SILVA ARAUJO

« Triste o que espera, triste o que confia. »
CAMÕES.

Só por não ser conforme a meu cuidado
Desfechou contra mim Amor as settas,
Acertando em feridas tão secretas
Que elle nem mesmo as vira desvendado.

Pois que me sendo tão desaffeiçoado
Em mim não póde achar feições dilectas,
Obras não buscarei eu mais completas
Mais que as obras que tenho praticado.

De redobradas ancias me apouquento,
Uso commigo mesmo tyrannias,
A engrandecer meu mal mais mal invento!

Os annos passam com o passar dos dias...
Morta a esperança, resta ao pensamento
Maguas, só maguas e melancolias.

5 de Janeiro de 85.

XI

CAUSA IGNOTA

Toda a solercia antiga nos amores,
Que eu tinha, quando os encarava rindo,
Toda a frieza, foi de mim fugindo,
Ao ver os vossos olhos tentadores;

Agora, após os novos dissabores,
Porque me seja infenso um mal infindo,
Ando commigo mesmo desavindo,
São contra mim meus o`ios e furores!

E de meu mal á causa entretecendo
Vou de canções de amor, em verso ideal,
Sylvas que um dia vos darei morrendo.

E, se me nutro de paixão lethal,
Góso na propria dôr que estou soffrendo,
Porque sois vós a causa do meu mal.

8 de Janeiro de 85.

XII

HONTEM E HOJE

JÁ não uso fazer como soía
D'antes, inda este amor me não chegára :
Encontrasse belleza, por mais rara,
Nunca por tal belleza morreria.

Mas vi-te, e, ao ver-te, o ver que me prendia
Laço de amor, foi logo. Hoje tentára
Em vão já não te amar como te amára,
Pois, se se amasse mais, mais te amaria.

Nesse passado tempo as esperanças
Não me viviam mais que alguns momentos,
Pois que as matavam sempre as abondanças.

Hoje só tenho queixas e lamentos!
Busco nos teus affectos allianças...
E tópo unicamente soffrimentos.

14 de Janeiro de 85.

XIII

A RESPOSTA DO DESTINO

AO DR. GONZAGA FILHO

ALLUCINADO fujo e doido corro!
Tudo me assusta e tudo me apavora!
Vejo espectros horriveis hora a hora,
E de ninguem posso esperar soccorro!

De nenhum modo penso nem discorro;
A minha face tremula descora;
Transido, a bocca torce-se-me agora;
Ar, mais ar! Luz, mais luz! Eu morro! Eu morro

Ergo-me e tombo! Grito e desatino!
Dilacero-me e estorço-me de horror!
Quero agora morrer, quero! Destino!

Mas este respondeu-me: « A's leis do Amor
Faltaste, revoltando-te, mofino!
Has de viver emquanto exista a Dôr! »

———*———

XIV

A SUA MÃO

AO DR. HENRIQUE DE SÁ

Bôa para ser pétala de rosa,
Aquella mão! Tão branca e delicada,
Por ella corre e estende-se a azulada
Rama das veias em feição graciosa.

A Natureza coisa mais mimosa
Jamais creou; nem mesmo a celebrada
Arte da Grecia teve ou tem guardada
Esculptura de mão tão primorosa!

Dedos! cylindros de marfim polido!
Unhas de nácar, longas e redondas;
Pelle de um tom rosado alvo e brunido!

Mão! que manda p'ra mim o sol e a chuva,
E desenfreia do Destino as ondas!
Ah! se o meu coração fosse uma luva!...

27 de Janeiro de 85.

XV

O QUE EU NÃO VEJO

Por o todo tambem se toma a parte.
CAMÕES

POR os pequenos fios de cabello
Que me enviaste, minha doce amada,
Eu reconstrúo a imagem desejada
D'esse teu corpo deslumbrante e bello!

Por elles vejo a cabelleira ondeada,
De côr mais negra que o meu proprio zelo;
E o venusino rosto estou a vel-o:
Céo com dois sóes de luz esbraseada!

Vejo-te o collo, que espantou de alvura
A neve e as brancas rosas do Japão,
Vejo-te o seio e vejo-te a cintura;

Poema em cinco versos — a tua mão
Vejo; vejo-te o corpo em toda altura...
Só te não posso ver o coração!

5 de Março de 85.

———x———

XVI

SOBRE UM CHROMO

A ALFREDO DE SOUZA

Tu, Cupidinho branco, sem aljava,
Sem carcaz, sem as frechas dos amores,
Para quem, no teu carro de oiro, flores
Trazes? Serão para a minha alma escrava?

A minha amante, pallida, scismava,
Entrefechando os olhos tentadores,
No scopo dos seus intimos rigores
Quando d'essa missão te encarregava?

Debalde corres, cançaste debalde!
Paladinos não quer meu coração,
Fogo não ha de amor que mais o escalde;

E' d'ella! Não te acceito as flôres, não:
Trazes do Desespero a rosa jalde,
E eu quero a flor vermelha da Paixão!

1885.

XVII

FERE!

Eis o meu peito: vibra o teu punhal;
Fere sem compaixão, fere sem dó!
Não me verás rojar, morder o pó
A' dôr do golpe barbaro e mortal.

De ha muito já que estou affeito ao mal;
Tenho a paciencia angelica de Job;
Um tormento p'ra mim nunca vem só:
Ando jungido a um circulo infernal!

Não conheço ventura nem prazer;
Sobre uma dôr antiga, nova dôr
Vem meu negro Destino hoje trazer...

Que me importa o teu odio, o teu furor,
Se eu já nem mesmo tive que temer
Quando me deste o mel do teu amor?!

1885.

XVIII

O ESPOLIO

A ti volta outra vez o que de ti me veio.
Do nosso antigo amor nada ha mais no meu seio.
Limpa agora, minha alma ha de outro amor sentir,
Como sente, e esperar um limpido porvir.
Tenho agora o que então me era apenas mostrado;
Hoje lava-me o olvido a nódoa do passado.

Nas cartas que escreveu a tua mão gentil
Muita vez envolvi o coração febril.
Nem tu sabes, talvez, como elle palpitava
Quando eu, soffrego e ardente, as cartas desdobrava,
A ver se nellas vinha a sentença fatal

Que havia de extinguir o nosso amor ideal,
Ou o brando e loiro mel de exquisita doçura
De que se faz a estrophe ao poema da ternura.
Quanta vez a minha alma assombrada ficou
Ao ver que doido amor meu amor te inspirou!
Quanta vez o minaz e terrivel ciume
Ao volcão pretendeu apagar todo o lume!
Tudo que da maior paixão possa brotar:
A supplica, o desdem, a explosão... has de achar
Tudo, escripto por ti, nessas paginas francas,
Que melhor fôra ter deixado sempre brancas.
O que escreveste então vaes agora reler,
E verás quanto vale uma alma de mulher
Quando o amor a domina e um grande sentimento
Faz que, do goso em troca, acceite o soffrimento.
Hoje és apenas gelo, e já foste volcão:
Aprende a conhecer teu proprio coração,
Vendo o que elle escrevia e vendo o que elle escreve
Hoje. O amor da mulher é tão leve, tão leve,
Que o vento,—contra o qual lucta uma penna,—faz
Com que elle suba e desça e ande para traz
E para deante, e vá por esses ares fóra,
Vendo as trevas da noite e os fulgores da aurora,
Ora aos astros subindo, ora descendo ao pó,
Até que um dia, emfim, uma rajada só
O aniquille, o destrúa, o extinga inteiramente!

Ahi vão as provas, pois, do teu amor vehemente,
D'essa doida paixão que em tua alma nasceu,
Por minha alma passou e nas duas morreu.
Cartas, flores, cabello e até photographias,
Gosos, dôres crueis, tristezas, alegrias,
Tudo volta ao logar de onde sahio. Ahi tens
Do morto amor a herança. Herdeira, acceita os bens,
Colhe o legado, ahi vae toda a fortuna ; eis tudo!
Agora emmudeceste e eu tambem fiquei mudo.
Não existo p'ra ti; não existes p'ra mim ;
Esqueceste, esqueci; somos livres, emfim !
Siga cada um de nós tranquillo a sua sorte,
E nem venha a saudade avivar esta morte.
Tudo isso que ahi vae é o espolio da paixão...

Abre-te agora á luz, meu triste coração !

S. Paulo, 11 de Setembro de 86.

O POEMA DA MORTA

Pianger l'aer e la terra e'l mar devrebbe
L'uman legnaggio, chè, senz'ella, è quasi
Senza fior prato, o senza gemma anello.

PETRARCA. *In morte de madonna Laura.*

Ainda agora estão em amargura as minhas palavras...

JOB. C. XXIII. v. 2.

I

A DÔR

A ARTHUR AZEVEDO

A dôr... a grande dôr sem fim de amal-a...

LUIZ DELFINO.

ESTA eviterna dôr que me acommette
E me transfixa o dolorido peito,
Como agudo e finissimo estylete,

Já não me torna o rosto contrafeito,
Não me carrega e fecha o sobrecenho,
Nem me põe fero e procelloso o aspeito.

Conto-a ha muito entre os habitos que tenho,
Pois nenhum bem contra ella me soccorre,
E para a destruir falta-me o engenho.

Cresce dentro de mim, augmenta e morre
Para tornar a renascer! Parece
A noite, que, ao findar o dia, corre

O véu largo, que os mundos escurece,
No firmamento, e, mal reponta a aurora,
Vae-se, fugindo ao sol que resplandece!

A minha voz em queixas não deplora
Já hoje, emfim, a dôr, a dôr que é fonte
Do mal passado e d'este mal de agora!

Toda em mim se concentra! No horisonte
Se, ás vezes, cravo o olhar embaciado,
Ella arrebenta em lagrymas esponte.

E' que me surge o limpido passado,
De verdes palmas, de festões de flôres
E pedrarias fúlgidas ornado.

Bandos de cherubins encantadores,
Alados e em phalanges revoando,
A' virgem dos meus candidos amores

Vão a loira cabeça corôando
De virginaes grinaldas preciosas,
E celestes canções psalmodiando.

A profusão dos lirios e das rosas
Desprende e evola o doce thymiama,
Aromando as paragens luminosas!

O firmamento em púrpuras se inflamma
Ao redor d'este quadro estranho e lindo,
Que só eu vejo, e sobre mim derrama,

Não o contentamento grande e infindo
Que sempre vem da luz, mas a tristeza,
A que ora vou correndo, ora fugindo!

Infortunio da nossa natureza!
Desejamos um bem que nos arrasta
E é motivo de males com certeza,

E quando o possuimos, a nefasta
Condição da nossa alma o affugenta,
Desejando outro bem, bem de outra casta!

Assim, descravo a vista lenta, lenta,
Volvendo-a á sombra do presente escuro,
Mergulhando-a na treva lutulenta.

Depois nem fito os olhos no futuro:
Tolhe-me o medo de que acaso aviste
Do meu idéal o templo mal seguro.

Punge-me a dôr de novo, e triste, e triste,
Já não sei o que eu quero, e o que eu almejo,
Se o que eu almejo e quero—não existe!

Perto ou longe de mim mais nada vejo;
Esvahio-se de todo a longa fila
Das antigas visões do meu desejo!

Só me occupa esta dôr, que me aniquilla
E mata, como se um veneno fosse;
Que me enlacryma a lúcida pupilla

E me consola ao mesmo tempo ! Doce
E amarga ! Mel e fel ! Escuridade
E luz !—E' tal a dôr que assim me trouxe

Esta tristeza negra, esta anciedade,
Que ora me dá sorrisos de sarcasmo
E ora prantos e maguas de saudade.

O desanimo seja, o enthusiasmo
Seja, seja a loucura enfebrecida,
Ou seja a lucidez, ou seja o pasmo ;

Tudo vem d'esta dôr, em mim nascida
De uma recordação,—que é minha sorte,
Porque esta dôr é toda a minha vida !

Porque esta dôr é toda a minha morte !

Janeiro de 1884.

———*———

O POEMA DA MORTA

II

A D. MARIA MANTANUS

QUANDO uma tarde a vi, a vez primeira
Foi que a minha alma revelou que o era.
Senti raiar-me a nova Primavera,
E illuminar-se a minha vida inteira.

De flores larga e perfumada esteira
Vi deante de mim viçosa e fera...
Ai! feliz tempo! ai! tempo da chimera
Mais idéal, mais pura, e mais ligeira!

Como eu senti o coração saciado
Pela abundante e próvida fartura
Do amor mais fundo e mais illimitado!

Mal eu sonhava a proxima amargura:
Da minha vida tinha começado
Toda a ventura e toda a desventura!

III

A D. ROSALINA MANTANUS

QUE ideal edificio construira
Meu coração para abrigar o d'ella!
Como elle abrira a olympica janella
Sobre um céo de tão lúcida saphira!

Mas é que a minha candida donzella
Tinha de mais o que a nossa alma admira.
Nunca tão pura e casta e sancta eu vira
Sobre uma fronte a fúlgida capella.

Não ha, por mais que o seja, monumento
Digno de ser agora revestido
Pelo seu derradeiro pensamento.

Nem ha martyrio mais incomprehendido:
Quando, com a vida, foi-se-lhe o tormento,
Continuei a viver, tendo morrido!

———:———

IV

A JOÃO MANTANUS

De ce jour là je me sentis déraciné sur la terre.

QUINET. *Hist. de mes idées.*

Eu fui chamado para vel-a : anciava
No estertor da ultima agonia...
Morreu quando tambem morrera o dia,
E só depois de morta é que eu chegava!

Só quem soubesse como e quanto amava
Eu aquella alma, esse comprehenderia
O fundo golpe atroz que me pungia,
A dôr cruel que então me apunhalava...

Aquella pobre, aquella mizeranda
Criança inda levava para a terra
Da virgindade a nítida guirlanda...

Passou sem ver o mal que o mundo encerra;
E a panthera da dôr, negra, execranda,
Des de esse instante ao peito se me afferra!

———x———

V

A FILINTO DA SILVA

Occhi miei, oscurato è'l nostro sole.
PETRARCA. *In morte di mad. Laura.*

QUANDO morreu levava no semblante
A mais funérea pallidez que hei visto...
Nem mesmo as faces lívidas do Christo
Eram de uma brancura semelhante.

Do fundo olhar azul o doce mixto
Da candura e do amor mais palpitante,
Empanara-se á dôr excruciante
D'aquelle golpe mórbido previsto.

O seu cabello rútilo e doirado
Perdera a côr brilhante de oiro fino
E pendia-lhe fôsco e desgrenhado...

Como então eu chorei triste e mofino ...
Juncto do corpo mizero tombado
Tambem morria o sol do meu destino!

VI

A SILVESTRE DE LIMA

Tu viste, amigo, aquella creatura
De olhar azul que a morte embaciava,
Aquella angelitude que guardava
Todo um thezouro occulto de ternura;

Mas não viste e não sabes a alma pura
Que ninho fôfo e tépido abrigava,
Onde,—canario rútilo—cantava
O Amor primeiro as arias da ventura!

Tu viste-a morta: o largo olhar nublado,
Roixos os labios puros, branca a face,
Solto o loiro cabello e desgrenhado.

Tu, pois, dos que me viram a demencia,
Só tu crerás que assim me allucinasse
Esta tragedia negra da existencia.

VII

A ADELINO FONTOURA

Elle etait de ce monde où les plus belles choses
Ont le pire destin...

MALHERBE.

NUNCA tão fundamente commovido,
Tão lanceado o coração, entrara
Naquella negra, amplissima seára
De cruzes e de marmore esculpido.

A minha vista, trémula, poisára
Por sobre aquelle feretro querido,
E no meu coração, triste e dorido,
Senti que o sangue rapido estancára.

Os coveiros, sombrios e tristonhos,
Tendo cavado o solo frio e duro,
Nelle enterraram todos os meus sonhos!

Nunca á terra se deu corpo mais puro;
Plantou-se, em transes funebres, medonhos,
A semente dos goivos do futuro!

———*———

VIII

A MANUEL CARNEIRO

QUANDO a vi morta, o corpo frio, algente,
Numa tunica branca amortalhada,
Senti de horror minha alma atravessada,
E apagou-se-me tudo de repente!

Como uma sombra vaga e transparente,
Diáphana visão distante e alada,
Eu vejo-a agora espiritualisada,
Envolta por um nimbo refulgente...

Na penumbra dos sonhos fugitiva,
Os olhos d'alma o largo céo fitando,
Ao longe, ao alto—bella e rediviva—

Vejo-a dos anjos no celeste bando,
« Vestita di color di fiamma viva »
Entre as choréas fulgidas cantando.

IX

PAGINA ANTIGA

A URBANO DUARTE

Ogni dolcezza de mia vita è tolta

PETRARCA. *In morte di mad. Laura.*

I

NÃO sei que funda agonia
Toda a minha alma contorce,
Por mais que eu faça e me esforce
Para a banhar de alegria.

Surge-me vago e tristonho
Á flor dos labios o riso,
E nada agora diviso
Que não pareça medonho.

Fanou-se a flor preciosa
Que me ebriava em perfumes,
E só ficaram negrumes
Dos meus dias côr de rosa.

Por mais que flores emmoites,
Meu coração, hora a hora,
Meus dias não têm aurora,
Não têm luar minhas noites.

É tudo negro e sombrio,
É tudo triste e soturno,
Como o som tetro e nocturno
Da refluencia de um rio.

É que a luz de uma esperança,
Pobre de mim ! não me resta ;
Mudou-me em prantos a festa
A morte de uma criança.

II

Porque será que as estrellas
Não brilham como brilhavam
Quando os meus olhos, ao vêl-as,
Ella por ellas trocavam ?

O sol portentoso e grande
Agora apenas me obumbra,
A nenhures vou sem que ande
Por uma eterna penumbra...

Caminho e tudo me aterra!
Pois, se procuro o cansaço,
Ouço no ámago da terra
Todo o ruido do meu passo!

Não sei que braços me aponta
O desfolhado arvoredo,
Que eu sinto a cabeça tonta
Dos arrepios do medo!

Na mudez interrogante
Da minha noite infinita,
Um profundo abysmo hiante
Me prende e me solicíta !...

E neste sombrio entejo,
Que me arrasta, quando scismo,
Vejo claramente, vejo
Que hei de tombar nesse abysmo !

Por isso eterna agonia
Toda a minha alma contorce,
Por mais que eu faça e me esforce
Para a banhar de alegria !

Janeiro de 84.

III

MUSA NOVA

Toda tu és fermosa, amiga minha,
e em ti não ha mácula.

SALAMÃO. *C. dos C.*, Cap. IV, v. 7.

I

ILHA PHANTASTICA

A' EXMA. SRA. D. JULIA LOPES

(No seu livro de Contos)

I

Ao lêr-te e ouvir-te, sabes no que eu penso?
Penso no mundo ideal da phantasia,
Esse paiz estranho, ignoto e immenso,
Inundado na luz de eterno dia.

No largo oceano intérmino dos sonhos
Vou amarando o meu baixel mesquinho,
Soberbo e ovante como um deus marinho
Por quem é doce o mar e os céos risonhos.

Nereidas e tritões de buzios torsos
Tiram meu barco, alegremente rindo,
Disfarçando com musica os esforços,
De extravagantes sons o ar ferindo.

E navegando mais, e navégando
Entro de maravilha em maravilha,
Até que ás plagas chego de uma ilha
Onde ouço muitos passaros cantando.

Do luso bardo a *Ilha dos Amores*
Só da que eu vejo te dará ideia,
Se eu disser que na d'elle ha menos flores,
E que é tanto maior quanto mais feia.

II

A minha é um jardinsinho fluctuante,
Onde a flora mais próvida e mais rica
Milhões de flores planta e multiplica,
Num delirio de febre fecundante.

O solo é de oiro virgem surribado,
E todo em raras plantas arrebenta:
Sente-se o esforço vivo e desesp'rado
De uma vegetação doida e violenta.

As nunca vistas flores e formosas
Que ha nesta ilha, são de tal belleza,
Que espanto dando á propria Natureza,
Tornam mesquinhas as mais bellas rosas!

O que não se imagina ou se presume
É o visivel e doce thymiama,
O tactil e suavissimo perfume
Que todo o espaço, em ondas, embalsama.

Frigga, a deusa do Norte, — cujo encanto
No chôro está, — melhor que a Venus grega,
É quem fecunda o solo e as plantas rega
Com as lagrymas d'oiro do seu pranto.

É uma estancia de amor, no mar perdida,
Que á mente escapa e que não cabe em verso;
Beijo da Natureza embevecida
Na suprema harmonia do Universo!

III

Não ha ali noite. Fulge como estrella
Cada uma flor. E ali tu és a Fada,
Por um poder divino transformada
Em colibrí com voz de philomela.

Nas pequeninas pennas multicôres,
Que o arco-iris todo em si retratam,
Pareces ter as petalas das flores
Que dos ramos em cachos se desatam.

Corôa-te a cabeça rutilante
De estrellas uma vívida grinalda,
Onde as côres refulgem da esmeralda,
Do rubí, da saphira e do diamante.

Uma população de aves canóras,
Que óra em remigios volta, ou paira e ascende,
Entôa a symphonia das auroras,
E ao teu poder, ó Fada! os preitos rende!

E tu, pequena, debil e graciosa,
Inveja das rainhas, dominando,
Regendo vaes o sonoroso bando
Que fórma a orchestra alada e sonorosa.

Vives na gloria extrema, entre os fulgores
Da apotheose viva! Eterna boda!
Nupcias de sons, de aromas e de côres!
Epithalamio que enche a terra toda!

IV

Este paiz de luz e de poesia,
Eu vejo-o sempre que os teus Contos leio.
Nasce no doido azul de um devaneio,
Vive no sonho audaz da Phantasia.

14 de Setembro de 85.

II

AD ALTARE

SENHORA minha. As almas melindrosas,
Como a minha alma, esquivam-se aos louvores,
Mas amam d'outras almas os fulgores
E do talento as peregrinas rosas.

A um tempo são ousadas e medrosas
E juncto do prazer querem as dôres:
As violetas, modestas entre as flores,
São pelo aroma altivas e orgulhosas.

Deixae, pois, que a minha alma ouse, radiante,
Depôr a vossos pés, minha Senhora,
Esta singella flôr triste e galante;

E a Natureza bôa ensine a Aurora
A illuminar eterna e fulgurante
Vosso caminho pelo tempo fóra.

24 de Setembro de 85.

III

MADRIGAL

I

A abobada celeste sempre escura !
Quando a fito nem uma estrella vejo,
E eu porfio e pelejo
Para as vêr na vastissima planura ;
No emtanto o meu desejo
Morre por essa eterna immensidade,
Buscando a luz em meio á escuridade.

Só diviso a penumbra
Das estrellas mais nítidas e bellas.

Tanto a luz dos teus olhos me deslumbra
Que eu nem vejo as estrellas!

———x———

IV

SILENCIOSO

MAGOAS de amor, Senhora, eu não te digo,
Pois que nem alegrias te dissera.
Amor deve ser mudo. Ai! quem me dera
Conseguir mudo o que a falar consigo!

Nas breves horas em que estou comtigo,
Falo e é minh'alma que a resposta espera.
Mas nunca me respondes á chimera
Muda, que de ti nasce e anda commigo...

E só me vem lenir este tormento
As palavras de amor occulto e sancto
Que me parece ler-te em pensamento.

Se em mim pensas ou não, não sei; no emtanto,
Se desgraçado sou — ventura invento,
E vivo d'este mentiroso encanto.

14 de Oitubro de 85.

V

MADRIGAL

II

EMBOCCO a avena agreste de Virgilio.
Vão-se os módulos sons azul em fóra,
E em direcção da Aurora
Bate as doiradas plumas um Idylio.

O' milagre da frauta mantuana!
Tomam a fórma humana,
A' musica divina, as bellas flores,

E o vergel fica nú...

Cravo os olhos naquelles esplendores:
Não são flores — és tu!

VI

SACRIFICIO

Como o sol com os ardores
Fecunda a terra, que arrebenta em flores
E de perfumes todo o espaço inunda,
Tambem com seus fulgores
O amor o nosso coração fecunda.

Tanto que a alma trespasse
Logo em cheirosos philtros a intumesce,
Como essencia que em nuvens se infiltrasse,
E logo o seu effeito transparece
No rir dos olhos, no rubor da face..

Bemdicta, Julieta,
Bemdicta sejas tu! que esta secreta
Dôr que eu tinha trocaste-me em ventura!
Doirando ao teu poeta
Com o sol do teu amor a vida escura!

Que sempre te proteja
A sorte que os teus dias engalana,
E a alegre vida mais alegre seja...
Ah! foge á fria intelligencia humana
Todo o bem que a minh'alma te deseja!

Seja-nos egualmente
P'ra mim o mal, p'ra ti o bem somente...
Que eu tudo soffra e que tu goses tudo!
Só alegre e contente
Sejas tu — sendo embora eu triste e mudo!

O' meiga creatura!
O' creatura angelica e mimosa!
O' pomba casta, ó philomela pura!
Seja a tua existencia venturosa,
Mesmo á custa da minha desventura!

3 de Oitubro de 85.

VII

MADRIGAL

III

Eu quizera ser Pan para ser tudo!
Tomára á abelha a fórma caprichosa,
E mudara-te em rosa
D'esse teu corpo o candido velludo.

Depois, brilhante e mudo,
Voltejando em bucolico folguedo,
Beijara-te em segredo,
Tão delicadamente, que outras flores,

Tendo p'ra nós os cálices attentos,
Não me vissem os brandos movimentos
Das azas multicôres.

Então, minh'alma em beijos te daria,
Minha aurora de amor! Sol do meu dia!

15 de Setembro de 85.

VIII

VIDA NOVA

Lorsque de mes douleurs tu chassas le nuage,
Je compris qu'à ton sort mon sort devait s'unir

V. Hugo.

I

Houve em meu peito, inda ha bem pouco,
Uma paixão ardente e brava,
D'estas que um homem tornam louco,
D'estas que tornam a alma escrava.

Ella jazia adormecida,
Braza debaixo de um cinzeiro,
Que quando a cinza é revolvida
Nos mostra um rúbido luzeiro.

Ardera outr'ora em labaredas,
Tisnára todos os meus sonhos,
E as minhas illusões mais ledas
Trocara em pélagos medonhos.

Os meus ideaes em cinzas postos
Todos levara a aza do vento;
Ruíra ao peso dos desgostos
Do meu futuro o monumento.

E sempre a braza no meu peito
A arder, a arder constantemente,
E o rosto em lagrymas desfeito
E o coração queimado e doente!

II

Mas vi-te um dia, e logo o fogo,
A braza ardente que eu trazia
Se me apagou no peito, e logo
Me renasceu toda a alegria!

Logo os meus sonhos me voltaram,
Como erradias andorinhas,
E os meus ideaes a mim tornaram
E as illusões e as crenças minhas.

Do meu porvir o trilho escuro
Illuminou-se por encanto,
A' luz do teu olhar tão puro,
A' luz do teu olhar tão sancto!

Agora a estrada que eu diviso,
De rosas toda alcatifada,
Doira-m'a o sol do teu sorriso
Numa perpetua madrugada.

Tua pureza e angelitude
Purificaram minha vida;
Restituiste-me a saude
Da alma, que eu tinha combalida.

Sim; que a pureza sanctifica:
É como o sol, que tudo inunda,
Que a lama sécca e purifica
E d'ella faz terra fecunda.

Tudo te devo. O meu tormento,
A braza ardente do meu peito,
Tudo extinguiste num momento:
Por isso eu te amo, — e te respeito.

12 de Novembro de 85.

IX

MADRIGAL

IV

Já dos passados tempos esquecido,
Eu não amava.
Coração engelhado e resequido,
Eu vivia do tempo já vivido
Que todo o meu presente acabrunhava.

Mas vi-te... E agora,
S'tou assim como um cégo, velho artista,
Que de repente recobrasse a vista
E, antes de ver mais nada, visse a aurora.

Luz tão intensa
Não me deslumbra só : até me assusta !
Minh'alma, outr'ora intrépida e robusta,
Tenho-a suspensa,
Imbelle, fraca, trémula, cobarde.

Todo o céo arde
Nas esplendidas chammas do levante !
Magôa-me este immenso resplandor,
Mas trocára por annos este instante !

Como é gostoso e pungitivo o amor !

X

NOVO SOL

JÁ pelo espaço vibra o sol radiante
Uns raios novos de doirada luz,
Luz que illumina e aclara o céo distante,
Inunda a terra quente e fumegante,
Alaga os mares, derramada a flux!

Luz como essa que o sol á terra envia,
Ou mais intensa, espalha o teu olhar:
Pois se me fitas, cego de alegria
Eu, vendo inda mais claro o claro dia,
Sinto que morrerei se te fitar.

XI

MADRIGAL

V

Pela manhan, bem cedo,
Abro a minha janella á luz do dia,
Ao delicioso aroma do arvoredo.
É tudo luz, perfumes, harmonia!

Fugio a tréva escura,
Descobrio-se a paizagem,
Tudo rescende á matinal frescura.
Sobre a verde folhagem
Desfez-se a Noite em lagrymas de orvalho.

Aves soltam canções de galho em galho,
É tudo puro, sonoroso e brando,
Como os olhos e a vòz da minha amada.

O meu canario. as pennas arrufando,
Entôa a cavatina da alvorada.
Rasga a Aurora as cortinas do levante
E toda em luz inunda nesse instante
A natureza calma.

Sob a minha janella, então, Senhora,
Passas ligeira, e deixas na minh'alma
Mais luz ainda do que a luz da Aurora!

9 de Setembro de 85.

XII

SUPPLICA

Hoc erat in votis.
HOR.

QUANDO entrei, tu sahiste.
Imagina o tormento
Dos esforços que eu fiz nesse momento
Por parecer alegre estando triste !

Longe estiveste, é certo ;
Mas quando vaes p'ra longe eu, na anciedade
De te ver, sólto as azas á Saudade,
E a cem léguas de ti, de ti estou perto.

E se não fosse assim,
Se esta saudade não te aproximasse,
Quem ha que a dura vida supportasse ?
Quem me valera a mim ?
Eu sem ti nada vejo nem diviso,
Sem ti é tudo escuro,
Sem ti muda-se em lagrymas o riso,
Doce e radiosa luz do meu futuro !

E eu nem ao menos sei se tu me queres,
Não sei mesmo se o meu amor te offende...
Mas quem é que comprehende
Os anjos e as mulheres ?

O meu amor é grande
Mas é humilde, não exige : — pede.
Tudo fará que determine ou mande
A tua voz. Pois fala-lhe ; concede !
O mizero te implora —
E vê tu a que alturas se abalança ! —
Elle te implora um só olhar de esp'rança,
D'esses que valem a mais bella aurora.

Cruel, a Natureza !
Faz-nos amar, ás vezes, quem não póde
Amar nos, quem su'alma já tem presa ;

E a noss'alma saccode
Nas iras loucas de um ciume infando
Que a san justiça da Razão condemna.
Se o coração é doido !..O mizerando
Commette o crime e não lhe importa a pena.

Desconhece a Razão ;
Na lucta das paixões, o sentimento
Domina tudo e absorve o pensamento ...
Mas é o melhor dos réus — o coração !

Um dia sólta um grito
Supplicante : quer que esse olhar formoso
Lhe fale. É crime ? Não ! Mais criminoso
Será quem faz da supplica um delicto.

Pois ahi tens a teus pés
Meu supplicante coração, Senhora :
Manda-o erguer se, ou manda-o ir-se embora...
Mas responde ! responde, por quem és !
Se lhe deres um — Não ! — vel-o-ás tristonho
Chorar talvez seu mal eternamente,
Vivendo d'este passageiro sonho,
De todo o bem descrente,
Descendo os sete circulos do inferno
E para eterna dôr tornado eterno !

Mas se disseres — Sim ! — dil-o em segredo,
Volvendo um terno olhar de sympathia,
Com cuidado e baixinho : Eu tenho medo
Que o suffoque a alegria !
Tenho medo que a tua voz tão pura,
A syllaba cantando enorme e grata,
O mate pelo excesso de ventura :
Porque o excesso de vida tambem mata !

Mas não fales : basta um olhar, ó sancta !
O olhar parece mudo,
Mas fala, ri, gorgeia, chora e canta...
O olhar exprime tudo !

Ahi tens, pois, a teus pés
Meu coração entregue sem defesa ;
E, muito embora a eterna dôr lhe dês,
É melhor do que a duvida a certeza :
Responde, por quem és !

28 de Setembro de 85.

XIII

NOVO BEM

Que já de triste não sou
Por mim, nem polo meu mal.

BERNARDIM RIBEIRO.

SE este bem que eu te devo não devera,
Certo que o mal que eu tinha me matara;
No coração, hydra roaz, ficara,
Nos recessos do peito se escondera.

Mas tu vieste como a Primavera
Reflorir a maninha e morta seára;
Tanto que ouvio minh'alma essa voz clara
Deixou de ser o mal que d'antes era.

Agora, muito que outro mal me fira,
É tão intenso o bem que eu tenho agora,
Que, mais que todo mal, viça e perdura.

Elle é que me concerta os sons da lyra,
Elle é que me sustenta e me avigora,
Dando-me a vida por me dar ventura.

6 de Dezembro de 85.

———x———

XIV

PERFEIÇÃO SUPREMA

Saibam-n'o agora! os céus, a esphera toda
Saibam-n'o agora!

A. DE OLIVEIRA.

VEM, minha noiva, luz da minha vida!
Astro do meu amor! Celeste aroma
Que adormece a minha alma dolorida!

A Primavera, amada minha, assoma
Já nos oiteiros ingremes, radiante,
Aos valles desce e toda a terra toma.

Phebo punge os frisões do carro ovante,
Namorado da Deusa clara e honesta,
Que a espaços foge ao seu ardido amante.

Eil-a que doira a lúrida floresta,
Penetra os bosques e matiza os prados,
Deixando toda a Natureza em festa!

Dos seus olhos azues, immaculados,
Jorram as vivas, deslumbrantes côres
De que ficam os campos enfeitados.

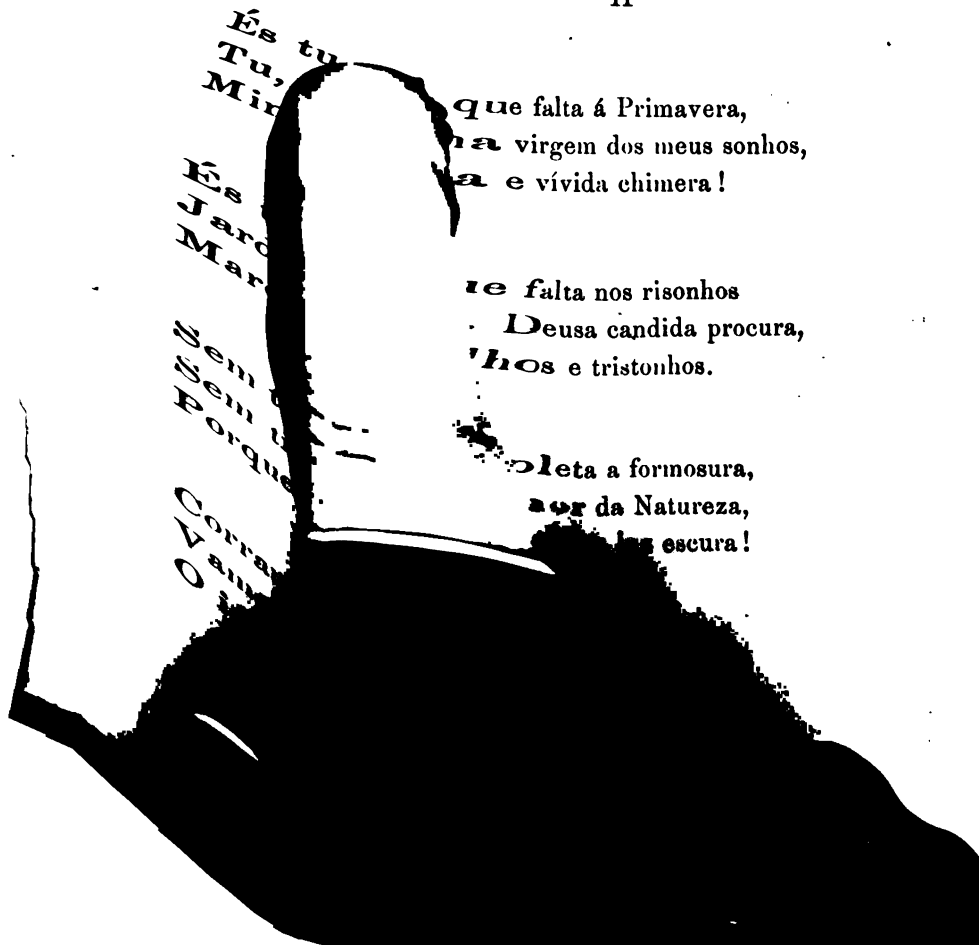
Do seu divino riso brotam flores
A que dá o seu halito perfumes
Embriagantes, entontecedores.

Mas se eu assim te falo não presumes
Que a prolífica Deusa está cuidosa,
E como que ferida de ciumes:

É que entre as flores falta a mais formosa,
E trefega procura essa que falta...
Será o lirio? A camelia? O cravo? A rosa?

Eil a que dos jardins aos bosques salta,
Agora pára, agora se accelera,
E a cada passo mais e mais se exalta.

II



que falta á Primavera,
a virgem dos meus sonhos,
e vívida chimera!

e falta nos risonhos
Deusa candida procura,
hos e tristonhos.

leta a formosura,
or da Natureza,
escura!

Vamos a todo o espaço remontando ;
Corramos inda mais do que corremos,
As não sabidas plagas perlustrando :

Sómente mar e céos e terra vemos,
Sómente essa trindade descobrimos,
Tendo chegado a todos os extremos.

III

No Mar coraes e perolas e limos,
Damninha fauna e flora pittoresca,
Ruidos soturnos, que a tremer ouvimos !

Por entre a massa enorme de agua fresca,
Entaliscado em rochas, o viscoso
Polvo distende a fórma gigantesca ;

Turva a límpida face ao mar undoso
A salsugem da vasa. O mar devora
Milhões de vidas quando se ergue iroso.

Vejamos o que tem o Céo, agora;
Penetremos o azul da immensidade,
Berço da luz e thalamo da Aurora!

Entre esta offuscadora claridade
De infinitos milhões de astros brilhantes,
Ouviremos rugir a Tempestade;

Monstros desmesurados e gigantes
Fórma o vapor da Terra, que se eleva
E se condensa em nuvens negrejantes;

Lá ribomba o trovão que os raios leva;
Tambem ha muito mal nesta paragem,
Berço da Noite e thalamo da Treva!

Descancemos instantes da viagem.
Vamos descer á Terra. Variada,
Pittoresca e lindissima paizagem!

Eil-a! a materna estancia desejada!
És tu, és tú, ó Terra, que possues
O que aos nossos sentidos mais agrada:

Montanhas colossaes, lagos azues...
Mas vêem-se, entre campinas florescentes,
Podres nateiros, tábidos paues!

A Terra tem as pedras reluzentes,
Tem a planta, e na planta a flor e os fructos,
Mas tambem tem os tigres e as serpentes.

Ruge a caterva horrifica dos brutos
E ouvem-se as mais celestes melodias;
Risos de festas, lagrymas de luctos!

Andam tristezas juncto de alegrias,
E completo e perfeito nada existe,
Nem fulge o claro sol todos os dias.

IV

Só tu, bemdicta flor, só tu,—que viste
De ti a mãe das flores ter inveja,
E só por tua ausencia ficar triste, —

Tens toda a perfeição que se deseja
Que o Destino benévolo não mude!
Tudo que em céos e mar e terra veja

Da mente o olhar prescrutador e rude,
Tudo em ti se resume e em ti se encerra;
Mas inda tens—espirito e virtude...

Que o Céo não tem, nem têm o Mar e a Terra!

12 de Fevereiro de 86.

XV

Á PARTIDA

A LUIZ DE SOUZA GONÇALVES

Foi-se a minh'alma! Em triste soledade,
De crua dôr as lagrymas vertendo,
Quasi sem vida aqui fiquei vivendo
No manto envolto negro da Saudade.

Aurea illusão da minha mocidade!
Partio! Aquelle grande monstro horrendo,
De azas de ferro e de bramir tremendo,
Poz-nos, entre nós dois, a Immensidade!

Em vão, da praia, agito o branco lenço!
O céo abraça o mar ao longe, e vejo
Só atravez do pranto o Nada immenso.

Aplaca o vento e o mar, Sol bemfazejo,
Protege aquella por quem vivo e penso,
Unico bem da Terra que eu desejo!

27 de Março de 86.

———::———

XVI

DESCANÇA

Fei de guardar, fiel, do affecto nosso
Toda a pureza angelica, descança.
Por ti, meu puro amor, minha esperança,
Todas as más paixões venço e destroço.

Se o largo mar com lagrymas engrosso
É porque tu partiste, pomba mansa.
Não te arreceies, tímida criança:
Eu não te quero mais porque não posso.

Abroquelado em teu amor, o fino
Aço do gladio bellico em teu pranto
Ungido, o arnez luzente e crystallino,—

Do mal enfrento as legiões fataes,
Porque só te amo a ti, mas tanto e tanto,
Que ninguem póde amar no mundo mais !

Julho de 1886.

XVII

AUSENCIA

A D. MARIA LUIZA DE ALMEIDA

> Uma coisa, senhor, por certa asselle:
> Que nunca amor se afina, nem se apura,
> Emquanto está presente a causa d'elle.
>
> CAMÕES, *Elegia.*

QUANDO ella estava juncto a mim, dizia
A voz do meu amor:—Ama-l'a, e tanto
Que nem tu sabes, venturoso, quanto!
E eu dizia a mim mesmo que o sabia.

Em fogo ardendo a Natureza fria;
Em tudo succedendo o riso ao pranto;
Tudo banhado no suave encanto
Do seu olhar, por toda a parte eu via!

Oh! se a amava! se a amava! Mas naquella
Aurea quadra de amor, tendo-a presente,
Não me fulgia tanto a minha estrella.

Hoje é que eu sinto o meu amor vehemente
Hoje, que ella está longe, ausente d'ella
Eu de mim mesmo penso estar ausente!

31 de Outubro de 86.

———*———

XVIII

TEMPO IDO

A D. MARIA DUQUE

TRESDOBRADAS saudades sinto agora;
Da ausencia a dôr mais hoje me alanceia;
A alma, de sonhos de ventura cheia,
Lembra as felizes epochas de outr'ora.

Tempo feliz em que ella, ella, a senhora
D'este peito, ella, a candida sereia
Do mar d'est'alma que por ella anceia
Me encantava de amor com a voz sonora!

Tempo feliz! Tempo ido, que não voltas!
Tempo do meu incomparavel goso,
Que vens, Memoria, agora recordar!

Tempo, aplaca-me as intimas revoltas,
Tu inda has de voltar mais venturoso,
Quando, mais venturosa, ella voltar!

30 de Oitubro de 86.

XIX

ESTRADA FLUCTUANTE

A D. ADELAIDE GONÇALVES

Esta distancia enorme, esta longura
Que separa um do outro continente,
Meu pensamento galga-a de repente
Sobre a fluctuosa, liquida planura.

Ou seja claro dia, ou noite escura,
Lá vae elle vertiginosamente,
Como frecha em rectissima corrente,
Embeber-se em sua alma honesta e pura!

Logo a Saudade as azas dolorosas
Bate, e no mar estende num momento
Uma esteira de pétalas de rosas;

E sobre ella, até mim, que a espero attento,
O meu anjo, a formosa das formosas,
Vem, conduzida pelo Pensamento.

31 de Oitubro de 86.

———*———

XX

DELICTO MENTAL

A JOÃO DUQUE

> Art. 16. São circumstancias aggravantes :
> § 1. Ter o delinquente commettido o crime de noite, ou em logar ermo.
> § 8. Dar-se no delinquente a premeditação...
>
> *Cod. Crim. do Imp. do Brazil*

TODAS as noites digo-lhe ao deitar-me :
— « Bôas noites, amor ! » E o bello vulto
D'ella, que está de mim distante e occulto,
Vem repentinamente visitar-me.

E emquanto em mente lhe componho o carme
Com que celebro ao meu amor o culto,
No coração castissimo sepulto
Dos meus sentidos o contínuo alarme.

Evito assim ao pensamento enfermo
Uma torpeza, que seria um crime
Premeditado, á noite e em logar ermo.

É que é tão puro o seu amor sublime,
Que purifica o meu amor sem termo,
Este amor que me encanta e que me opprime.

5 de Novembro de 86.

XXI

INSEPARAVEL

A D. ALICE LOPES

O' minha doce irman... Que digo? Minha?
Irman do sol é que tu és, graciosa,
Immarcessivel flor, purpurea rosa,
Brilhante colibrí, meiga andorinha!

O' minha doce irman, que tão asinha,
Demandando a paragem deleitosa
Onde tudo que ha grande e bom se gosa,
Me deixaste a minh'alma tão sósinha;

O' minha doce irman, loira criança,
Trefega e boa como nunca vi,
Luz promissora, candida esperança ;

O' minha doce irman, num ermo aqui
Fiquei, mas corre e vôa e não se cança
Meu pensamento sempre ao pé de ti.

21 de Novembro de 86.

XXII

O MEU CANARIO

A D. ADELINA PEREIRA LOPES

Ganora gemma de ovo, o meu canario
Solta á luz da manhan seu meigo canto;
Encrespa as jaldes plumas do aureo manto
Dos sons o doido e fino lapidario.

A multidão, que segue o seu fadario,
Indifferente passa e corre, emquanto
Só eu comprehendo o singular encanto
Das canções do poeta solitario.

Aquelle canto de saudades chora,
Aquella doce voz, ungida e pura,
Vae para as bandas d'onde nasce a aurora.

Assim minh'alma chora de amargura,
Assim vae juncto a vós, minha Senhora,
Que juncto a vós está minha ventura.

20 de Janeiro de 87.

XXIII

NOITE NO CAMPO

A D. DEOLINDA MAGALHÃES

MELANCHOLICA tarde! O sol morreu d'aquella
Banda do poente, ha pouco, em púrpura afogado.
Vejo o « Dedo de Deus » para o azul apontado,
E o « Gigante », afastando as nuvens, se revela.

Paizagem nunca vista! O' Natureza, és bella!
Sente-se o palpitar dos vegetaes. O gado,
Ao longe, pasta. O céu, de súbito nublado,
Abre-se. A chuva cae, bate-me na janella.

A paizagem mudou de feição. Escurece.
Nuvens cobrem a serra, e choram tristemente
As arvores. A chuva augmenta. A noite cresce.

Ha frio. Agora a chuva estiou de repente.
Ficou limpido o céu. Branca, a lua apparece,
E, solitario, eu penso em minha noiva ausente.

Therezopolis, 10 de Janeiro de 87.

XXIV

NO ALTO DA SERRA

AO SR. DR. SILVEIRA LOPES

Vimos galgando a longa serrania,
Ao tardo passo das cavalgaduras.
Embebe, á esquerda, a crista nas alturas
A formidanda rocha escarpada e sombria.

De bromélias a orchídeas se atavía
O escalvado penhasco. Nas planuras
O valle enorme enquadra-se entre escuras
Cordilheiras que enréda a floresta bravia.

Somos agóra em meio da viagem,
No alto da serra. O sol enche de côres
De variado matiz a esplendida paizagem.

Cantam passaros; lidam lavradores
Pela encosta; e do meu amor a imagem
Só eu vejo, a sorrir-me entre as moitas de flores.

Petropolis 11 de Janeiro de 87.

XXV

FINIS

A J. L.

TEU nome abre estas páginas singelas
Do livro em que a minha alma inteira puz;
Teu nome, para mim facho de luz
Mais radiante e vivaz que a das estrellas.

Lê-me, pois, estas páginas; por ellas
A's vezes louca uma paixão transluz.
E' do passado; que hoje não traduz
Minha lyra paixões, nem posso têl-as.

Antes de conhecer-te mergulhava,
E' certo, em vário mar o coração :
Ensaiava os amores ; não amava.

Hoje sim, endoidece-me a paixão ;
Sou teu captivo ; eis a minha alma escrava,
Meu raro ideal da humana perfeição !

7 de Fevereiro de 87.

POSTFACIO

Evitei prudentemente o prefacio, mas não me é possivel evitar o postfacio nesta obra.

Antes de encerrar completamente o meu livro, corre-me rigoroso o dever de consignar aqui os nomes de tres amigos que efficacissimamente me auxiliaram na sua publicação.

As inolvidaveis gentilezas dos Srs. Alberto Pereira Leite, de S. Paulo; Cezar Augusto de Macedo Ribeiro e Valentim Ribeiro da Fonseca, d'esta Côrte, merecem bem o testemunho publico do reconhecimento que aqui lhes deixo escripto, menos duravelmente, sem duvida, do que está no meu coração.

Rio, 1 de Março de 1887.

Filinto de Almeida.

NOTAS

TRIOLETS

PAG. 21

O tempo dos *triolets* passou ha muito na poesia brazileira; a data d'estes, porém, serve-me de desculpa. Foram escriptos para abrir um album que alguns homens de lettras offereceram em 1881 á prodigiosa actriz de 9 annos, Gemma Cuniberti.

PAG. 34

Esta que vendo o egualitario motte
Da entrada...

Refiro-me á estancia escripta na parede da entrada do Lycêo de Artes e Officios.

A UNS OLHOS

PAG. 49

Artistas escrupulosos notarão em algumas d'estas quintilhas de Campoamor concorrencia de versos agudos em demasia. Peço-lhes que examinem o original. O auctor não se importa com isso e parece-me que não se poderá exigir que o traductor seja mais realista que o rei.

SONETOS DE STECCHETTI

PAGS. 53 e 55

A mesma razão antecedente pode ser apresentada para desculpar os agudos do primeiro d'estes sonetos. O segundo pecca por não rimarem entre si os dois quartetos. Reprovo o soneto d'este feitio; mas pareceu-me tão formoso este do notavel poeta bolonhez e tão impossivel de traduzir fielmente attendendo aos preceitos todos da arte, que preferi deixal-o assim, conservando intacta a idéa do original.

BIOLETS

PAGS. 113 e 118

Dei arbitrariamente o titulo de *biolet* a esta estrophe de invenção minha.

Que a critica não me commine grande pena por este delicto: E' provavel que eu não reincida.

FINGI

PAG. 135

Que a luminosa patria de Dante e Petrarca me tolere este soneto. Fil-o pelo muito amor que voto á sua formosa lingua, sem outro fim que não o de estudal-a praticando nella.

Pois não ha tantos poetas nossos que têm escripto versos em francez? Deixem passar estes em italiano.

INDICE

Dedicatoria 7

PARTE PRIMEIRA

MUSA ERRANTE

I — Dôr ignota 15
II — No campo 17
III — O ultimo capitulo 19
IV — Triolets 21
V — A morte do avô 25
VI — No lar 29
VII — Decimas novas 31
VIII — O grande dote 33
IX — Caridade 35
X — De viagem:
I — Na Suissa 37
II — Na Russia 39
III — Em Roma 41
XI — Victor Hugo 43
XII — A gande rosa 45
XIII — Estrella funesta 47
XIV — A uns olhos 49

XV — Sonetos (Stecchetti):
I — 53
II — 55
XVI — Versos á Cotinha..... 57
XVII — Lyra da Arcadia:
I — Hosana..... 61
XVIII — II — Ode a Machado de Assis..... 67
XIX — Honni soit..... 73
XX — O leque..... 77

PENINSULARES

I — Labios e olhos..... 81
II — Funesta..... 85
III — A bordo..... 87
IV — A' volta..... 89
V — Dizia D. João..... 91
VI — Casto amor 93
VII — Evohé!..... 95
IX — A uma esculptura..... 101
X — Resurexio..... 103
XI — Ignota Déa..... 105
XII — Ida..... 109
XIII — Antonietta..... 111
XIV — Biolets..... 113
XV — Beija-flor..... 115
XVI — Biolets..... 119
XVII — Sorride-vos!..... 121
XVIII — Suprema Déa..... 123
XIX — Olhos pretos..... 127
XX — Dois mares..... 132

XXI — Extremos..... 133
XXII — Fingi..... 135
XXIII — Guerra e paz..... 137
XXIV — A Bocage..... 139

PARTE SEGUNDA

INTIMA LYRA

O POEMA DO AMOR

I — O poema do amor..... 145
II — Amor e razão..... 153
III — Dias côr de rosa..... 155
IV — To be or not to be..... 157
V — Chora!..... 159
VI — Sempre!..... 161
VII — Tudo por ti..... 163
VIII — Paradoxo verdadeiro..... 165
IX — Derradeiro vestigio..... 167
X — Maguas..... 169
XI — Causa ignota..... 171
XII — Hontem e hoje..... 173
XIII — A resposta do destino..... 175
XIV — A sua mão..... 177
XV — O que eu não vejo..... 179
XVI — Sobre um chromo..... 181
XVII — Fere!..... 183
XVIII — O espolio..... 185

O POEMA DA MORTA

I — A dôr 191
O poema da morta:
II — 197
III — 199
IV — 201
V — 203
VI — 205
VII — 207
VIII — 209
IX — Pagina antiga 211

MUSA NOVA

I — Ilha phantastica 217
II — Ad altare 223
III — Madrigal I 225
IV — Silencioso 227
V — Madrigal II 229
VI — Sacrificio 231
VII — Madrigal III 233
VIII — Vida nova 235
IX — Madrigal IV 239
X — Novo sol 241
XI — Madrigal V 243
XII — Supplica 245
XIII — Novo bem 249
XIV — Perfeição suprema 251
XV — A' partida 259
XVI — Descança 261

XVII — Ausencia 263
XVIII — Tempo ido 265
XIX — Estrada fluctuante 267
XX — Delicto mental 269
XXI — Inseparavel 271
XXII — O meu canario 273
XXIII — Noite no campo 275
XXIV — No alto da serra 277
XXV — Finis 279

Typ. e Lith. Moreira Maximino & C.

34

DO MESMO AUCTOR

(De collaboração com Valentim Magalhães).

O GRAN GALEOTO, traducção, em verso, do drama hespanhol de D. José Echégaray — Edicção de 1884.

A PUBLICAR:

O QUE NÃO SE PODE DIZER, traducção, em prosa, do drama do mesmo auctor.

NO SEIO DA MORTE, traducção, em verso, da lenda tragica do mesmo auctor.

AMOSTRA DE SOGRA, comedia original, em 1 acto.

Estas quatro peças foram representadas pela companhia do theatro Recreio Dramatico.

A MULHER-HOMEM, revista comico-phantastica dos acontecimentos de 1885, representada no theatro Sant'Anna, pela primeira vez em 13 de Janeiro de 1886.